

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

WALFREDO BRITTO

**JOVENS NEGROS, FUTEBOL, EDUCAÇÃO E RELAÇÕES RACIAIS:
O PROJETO ESPORTIVO DIGORESTE.**

**CUIABÁ/MT
2006**

WALFREDO BRITTO

**JOVENS NEGROS, FUTEBOL, EDUCAÇÃO E RELAÇÕES RACIAIS:
O PROJETO ESPORTIVO DIGORESTE.**

Dissertação apresentada à comissão Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação (Área de concentração Educação, Cultura e Sociedade, Linha de Pesquisa Movimentos Sociais, Política e Educação Popular) sob a orientação do Professor Doutor Manoel Francisco de Vasconcelos Motta.

**CUIABÁ/MT
MARÇO DE 2006**

DEDICATÓRIA

Aos meus queridos pais Conrado e Luzia, pelo amor e dedicação muitas vezes infinitos.

As minhas filhas Paula e Claudia, por estarem presentes em meu coração, esta vitória é de vocês também!

A Márcia, companheira de todas às horas pela inestimável colaboração e paciência durante a feitura desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao **Profº Dr. Manoel Francisco de Vasconcelos Motta**, por ter acreditado no meu potencial ao me aceitar como orientando, pela extrema dedicação, paciência e rigor que contribuíram decisivamente para a qualidade desta dissertação e para o meu crescimento profissional.

A **Profª Drª Maria Lúcia Rodrigues Muller e ao Profº Dr. Henrique Antunes Cunha Júnior**, membros da banca de avaliação deste trabalho, pela dedicação na análise da pró-forma e pelas sugestões que, certamente, qualificaram este estudo.

Aos **colegas docentes da Faculdade de Educação Física – UFMT**, pelo aporte fundamental na minha formação acadêmica.

Aos **colegas da Diretoria de Desportos e Lazer da Prefeitura Municipal de Cuiabá**, que no decorrer desta atividade foram prestativos e atenciosos.

À **Profª Drª Maria Aparecida Morgado**, pelas valiosas contribuições e estímulos para a realização deste estudo.

A todos os colegas do mestrado pelas experiências transmitidas que subsidiaram de forma expressiva este estudo.

RESUMO

Este estudo investigou aspectos da escolarização, da relação com o futebol e da percepção da relação racial de jovens negros que freqüentavam o PROJETO DIGORESTE NOS ESPORTES da Diretoria de Desporto e Lazer – DIDEL da Prefeitura Municipal de Cuiabá – MT para a prática do futebol, em 2005. De natureza qualitativa, para sua fundamentação a pesquisa ancorou-se na contribuição de Daolio, Mario Filho, Lever e Vieira para a questão do futebol e para as relações raciais recorremos a Valente, Oliveira, D' Adesky e Petrucelli. Para o trabalho de campo selecionamos alunos do projeto através do quesito cor para aplicação de questionário. A análise do material empírico coletado mostrou que o PROJETO DIGORESTE, apesar de contribuir para a elevação da auto-estima dos jovens negros, acenando-lhes com a perspectiva de projetarem um futuro de ascensão através do futebol, inculcando-lhes interesse pela continuidade dos estudos, não é possível perceber uma contribuição do Projeto para o avanço da conscientização destes jovens sobre a sua negritude.

Palavras-chave: Jovens negros. Escolarização. Futebol e relação racial.

ABSTRACT

This study investigated aspects of the escolarização; of the relation with the soccer and the perception of the racial relation of young blacks who frequented PROJECT DIGORESTE In the SPORTS of the Direction of Sport and Leisure - DIDEL of the Municipal City hall of Cuiabá - TM, for the practical one of the soccer, in 2005. Of qualitative nature, for its recital the research was anchored in the contribution of Daolio, Mario Son, Lever and Vieira for the question of the soccer and racial relations s we appeal the Brave, Oliveira, D ' Adesky and Petrucelli. For the field work we select pupils of the project through the question color for questionnaire application. The analysis of the collected empirical material showed that PROGRAM DIGORESTE, although to contribute with the rise of auto-esteem of the young blacks, waving to them with the perspective to project a future of ascension through the soccer and infusing the interest to them for the continuity in the studies, is not possible to perceive a contribution of the Project for the advance of the awareness of these young on its negritude.

Word-key: Young blacks. Escolarização. Soccer and racial relation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I	
O FUTEBOL E O JOVEM NEGRO.....	14
1.1 O Sonho de Jogar Futebol	14
1.2 Futebol.....	18
1.3 O Futebol Brasileiro	23
1.4 O Negro No Futebol Brasileiro	27
CAPÍTULO II	
JOVENS NEGROS JOGAM FUTEBOL E VÃO À ESCOLA EM CUIABÁ: O PROJETO DIGORESTE NO ESPORTE.....	33
2.1 Jovens Negros.....	33
2.2 O Projeto Digoreste	36
2.3 O Futebol no Projeto Digoreste	40
CAPÍTULO III	
BONS DE BOLA BONS DE ESCOLA OS JOVENS NEGROS NO PROJETO DIGORESTE	41
3.1 Escolarização	42
3.1.1 Grau de Escolaridade dos Pais	43
3.1.2 Grau de escolaridade das mães.....	43
3.1.3 Profissão dos pais	44
3.1.4 Escola em que estudam.....	45
3.1.5 Série que está cursando	46

3.1.6 Turno de estudo	47
3.1.7 Continuidade dos estudos	47
3.1.8 Pretende prestar vestibular	48
3.1.9 Curso superior em que pretende ingressar.....	49
3.2 Relação com o Futebol	50
3.2.1 Quem o inscreveu no Projeto Digoreste	50
3.2.2 Como começou a jogar futebol.....	51
3.2.3 Idade que começou no futebol.....	52
3.2.4 Desempenho no Futebol	53
3.2.5 Pretende jogar profissionalmente	54
3.2.6 Quem mais o influenciou para a prática do futebol.....	55
3.2.7 Futebol: “passaporte” para melhorar de vida	55
3.3 Relações Raciais	56
3.3.1 Considerações sobre sua raça	56
3.3.2 Discriminação Racial no Brasil	58
3.3.3 Já foi discriminado?.....	58
3.3.4 Discriminação no Programa	60
3.3.5 Quem o discriminou?	61
3.3.6 Por que foi discriminado?.....	61
3.3.7 Informação sobre política de cotas em Universidades brasileiras.....	62
3.3.9 Sucesso e discriminação	63
3.3.10. Causas da discriminação.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70
ANEXOS	74

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Grau de Escolaridade dos Pais.....	43
Figura 2 - Grau de escolaridade das mães	43
Figura 3 - Profissão dos pais	44
Figura 4 - Escola em que estuda.....	45
Figura 5 - Série que está cursando.....	46
Figura 6 - Turno de estudo	47
Figura 7 - Pretende continuar estudando	47
Figura 8 - Pretende prestar vestibular.....	48
Figura 9 - Curso superior em que pretende ingressar.....	49
Figura 10 - Quem o inscreveu no Projeto Bom de Bola.....	50
Figura 11 - Onde começou a jogar futebol.....	51
Figura 12 – Idade que começou a jogar futebol	52
Figura 13 - Desempenho no futebol	53
Figura 14 - Pretende jogar profissionalmente.....	54
Figura 15 - Quem mais o influenciou para a prática do futebol	55
Figura 16 - Futebol: “passaporte” para melhorar de vida.....	55
Figura 17 - Consideração sobre sua raça	56
Figura 18 - Discriminação racial no Brasil.....	58
Figura 19 – Já foi discriminado?	58

Figura 20 - Discriminação no Projeto.....	60
Figura 21 - Quem o discriminou?.....	61
Figura 22 - Por que foi discriminado?.....	61
Figura 23 - Informação sobre política de cotas em Universidades brasileiras.....	62
Figura 24 - Presença de negros no futebol	63
Figura 25 - Sucesso e discriminação	63
Figura 26 - Causas da discriminação.....	64

INTRODUÇÃO

A origem deste trabalho reporta a nossa trajetória pessoal de negro, ex-atleta de futebol e educador, cujo percurso profissional sempre foi permeado por uma forte influência familiar em que estava presente a valorização da escola e da prática esportiva.

O projeto de práticas esportivas DIGORESTE NOS ESPORTES sob a responsabilidade da Diretoria de Desporto e Lazer – DIDEL, vinculada à Secretaria Municipal de Educação Desporto e Lazer, que objetiva revelar talentos na modalidade esportiva de futebol, tendo a educação e a integração de crianças e adolescentes como prioridade, foi o espaço pedagógico onde buscamos subsídios no sentido de entender os possíveis caminhos que podem ser abertos para a afirmação profissional e social dos jovens negros, a partir da educação e da prática esportiva orientada.

Centrando nosso foco nos jovens negros inseridos no projeto, buscamos investigar a forma como concebem ou não a possibilidade de realizar suas perspectivas profissionais e educacionais futuras. Se o projeto possibilita realmente um processo de valorização do jovem atleta negro e de que forma as suas condições sociais interferem em sua participação; se estes jovens atletas expressam ou não uma percepção de sua condição racial e o que os diferenciariam em suas expectativas e ações. Cuidando também em verificar se o projeto se preocupa em trabalhar temáticas como discriminação e preconceito.

Para a realização deste trabalho, desenvolvemos uma pesquisa de natureza qualitativa, onde num primeiro momento, realizamos um estudo bibliográfico no sentido de

elaborar um melhor entendimento sobre o futebol e as relações raciais. Para discutir o envolvimento do jovem negro com o futebol contamos com a colaboração de Daolio, Mario Filho, Lever e Vieira. Para discutir de modo mais específico as questões raciais recorremos a Valente, Moura, Guimarães, D'Adesky, Moema De Poli e Oliveira. Realizamos, também, uma leitura do Projeto Digoreste para entendermos sua organização, funcionamento e fundamentos pedagógicos.

A modalidade futebol, no Projeto Digoreste, funciona em cinco bairros da cidade, utilizando o espaço comunitário esportivo dos miniestádios. Os bairros selecionados formam os cinco pólos de atuação da modalidade no projeto. A escolha dos bairros obedeceu a um critério de distribuição que procura atender regiões diferenciadas da cidade. Os pólos estão localizados nos bairros: CPA I, Jardim Paulista, Santa Izabel, Jardim Vitória e Santa Laura.

Foi realizado um levantamento dos jovens negros na faixa etária de 14 a 17 anos, inscritos no projeto no ano de 2005 em cada um dos pólos. Essa seleção dos atletas se deu através do quesito cor. A identificação foi realizada através da observação direta do pesquisador.

Posteriormente, elaborou-se um questionário que foi respondido pelos jovens atletas negros selecionados. Este procedimento teve como objetivo investigar aspectos da escolarização; da relação com o futebol e da percepção da relação racial dos jovens atletas negros. Caracterizando-os e coletando informações com relação a sua origem familiar, situação socioeconômica e escolar, projetos profissionais e de ascensão social pela prática do futebol. Verificou-se, também, como compreendem questões relacionadas ao preconceito e à discriminação racial e se percebem-se negros. Foi de fundamental importância a participação do entrevistador como um interlocutor presente e ativo. Concluída esta etapa, passamos à análise do material empírico coletado, tomando por base o referencial teórico utilizado.

No primeiro capítulo mostramos como se deu o nosso processo pessoal de

envolvimento com o futebol para, em seguida, desenvolver uma exposição sobre como ocorreu historicamente e o significado da relação do negro com o futebol.

No segundo capítulo descreve-se como ocorre a participação do jovem negro no Projeto Digoreste, procurando situar essa participação no contexto de sua inserção em uma cidade que tem expressiva população negra. Além disso, mostra-se a organização, a dinâmica de funcionamento e o papel da modalidade futebol no projeto.

No terceiro capítulo procede-se a análise dos dados empíricos coletados, procurando mostrar aspectos da escolarização, do envolvimento com o futebol e da percepção das relações raciais dos jovens atletas negros participantes do Digoreste.

Finalmente, apresenta-se a conclusão que mostra que projetos como o Digoreste apesar de toda a fundamentação pedagógica de caráter filosófico em torno do desenvolvimento da criança e do jovem com a prática esportiva não manifestam uma preocupação com as relações raciais, não havendo qualquer menção a este tema na proposta do Projeto. Os educadores do projeto não trabalham com a perspectiva da eliminação de preconceitos e de discriminações raciais, ainda que receba em suas fileiras um número significativo de jovens negros.

Esta pesquisa foi desenvolvida vinculada ao Projeto de Pesquisa: “Educação da Juventude em Mato Grosso: Impasses e Perspectivas Político-Pedagógicas” no Grupo de Pesquisa “Educação, Jovem e Democracia”, na linha de Pesquisa Movimentos Sociais, Política e Educação Popular, Área de Concentração: Educação, Cultura e Sociedade do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso.

CAPÍTULO I

O Futebol e o Jovem Negro

1.1 O SONHO DE JOGAR FUTEBOL

Nosso interesse nesta pesquisa está relacionado a minha própria trajetória e existência de vida. Nasci na cidade de Rondonópolis, na década de 50, no ano em que o Brasil foi campeão mundial de futebol. Filho caçula de um farmacêutico e uma dona de casa, irmão de seis profissionais da área de saúde, não consigo recordar a minha infância sem que a ela esteja associada a prática esportiva e a escola; onde ingressei pela primeira vez, muito jovem, na Escola de 1º Grau Salesiana Colégio Sagrado Coração de Jesus.

A escola e os quintais vizinhos foram os primeiros espaços de realização do sonho e magia que me despertava para o futebol. No Ginásio La Salle, onde também estudei, ensaiei os primeiros passos mais elaborados nesse esporte . Daí para o Comercial Esporte Clube de Rondonópolis - time amador da cidade - bastou apenas um convite que não tardou a chegar. Aos 14 anos, mudei-me para a cidade de Campo Grande - MS para prosseguir os estudos - onde fui cursar a 1ª série do 2º grau - no Colégio Salesiano Dom Bosco, que à época era reconhecido pela qualidade do ensino e pelo incentivo dado às práticas esportivas.

Nesta época, o Estado de Mato Grosso ainda não havia sido dividido, o que só veio a ocorrer em 1979. Lá, além de dar prosseguimento aos meus estudos iniciei minha carreira de jogador profissional. Nessa ocasião jogava na equipe juvenil do Comercial Esporte

Clube de Campo Grande, quando tive a oportunidade de participar de uma partida de futebol contra o C. R. Flamengo - RJ. Tendo despontado como “bom jogador” fomos convidados para integrar sua equipe juvenil do clube. Mudei-me então para o Rio de Janeiro, onde, durante seis anos, fiz parte do grupo de jogadores deste tradicional clube brasileiro. Este fato trouxe grande felicidade a mim, aos meus familiares e a minha querida Rondonópolis; era o ano de 1973.

Hoje, consigo compreender que naquela ocasião encontrava-me altamente motivado, e este fator segundo Winterstein é fundamental para qualquer indivíduo:

Os indivíduos com forte motivação para a realização trabalham mais, aprendem mais depressa e são mais competitivos do que aqueles que possuem baixo nível de motivação. No plano da ação, são aqueles que assumem responsabilidades pessoais pelos seus atos, que assumem riscos apenas moderados e que tentam atuar de maneira criativa e inovadora (WINTERSTEIN, 2002, p. 79).

Minha carreira, apesar de breve, foi intensa e promissora, abruptamente interrompida quando sofri uma grave contusão no joelho.

Há que se ressaltar que em nenhum momento meus estudos foram interrompidos. Mesmo extasiado com a “cidade maravilhosa” e com a oportunidade de atuar na equipe esportiva do C. R. Flamengo cursei o 2º. grau no Colégio Brasil, no Bairro de Botafogo. Continuar os estudos foi fruto de um acordo familiar entre eu e meu pai que valorizava sobremaneira a educação escolar.

Aliás, estudos tem demonstrado cada vez mais que os pais compreendem que estudo e futebol se associam:

A opinião dos adultos sobre a prática esportiva de crianças e de adolescentes é unânime, ou seja, os pais não se opõem a que seus filhos pratiquem esporte. Além disso, em função da valorização da atividade física para a qualidade de vida, a tendência em considerar a prática esportiva tão importante quanto às atividades intelectuais tem crescido bastante nos últimos anos. Pesquisas têm demonstrado que os pais consideram a prática

de esportes benéfica para a saúde e favorável ao rendimento escolar (FERRAZ, 2002, p. 25).

Determinado, logo fui me destacando no futebol e nas relações pessoais. Fiz grandes amigos - Milton Queiroz da Paixão - o Tita, jogador que também despontou na equipe juvenil, chegando a brilhar na equipe profissional na seleção brasileira de futebol e hoje atuando como técnico de futebol com alguns dos quais mantenho contato até hoje; outros que ficaram guardados no meu baú de lembranças. E é este “baú de lembranças” que vai dar-nos as condições de afirmar que por aquela época, nem todos os esportistas estavam preocupados com a sua formação escolar. Em geral, para os meus contemporâneos, o futebol vinha em primeiro lugar. Entretanto, não me proponho a analisar estes aspectos. A única observação que fazemos está relacionada a uma afirmação de Rose JR. e que expressa bem o espírito da época: “Treinar, competir, vencer prêmios, são palavras comuns no cotidiano dos jovens que praticam esporte ou que o vislumbram como uma grande possibilidade de sucesso” (ROSE JR., 2002, p. 67).

Ocorre que, só o futebol não nos era o bastante. Por ocasião do incidente sofrido, já era acadêmico do curso de Educação Física da Fundação Oswaldo Aranha, no Campus de Volta Redonda – RJ. A Educação Física chamou-nos a atenção justamente pelas possibilidades teórico-práticas. O futebol desvendou-nos a importância do Desporto e da Educação Física como processos educativos mais amplos, capazes de romper os muros da escola e infiltrarem-se em qualquer espaço social, democratizando as oportunidades de acesso à educação e saúde corporal. É como assinala Ferraz:

Finalizando, o esporte é um patrimônio cultural da humanidade e um direito do cidadão. Nesse sentido, o conhecimento que permite ao ser humano apreciar e usufruir desse patrimônio é fundamental para a qualidade de vida e deve ser oportunizado! (FERRAZ, 2002, p. 37).

Neste percurso, enquanto acadêmico, participamos como voluntário na direção de equipes esportivas de trabalhadores da Companhia Siderúrgica Nacional - CSN de Volta Redonda - RJ, que nos permitiram, além do aspecto esportivo, discutir com os mesmos questões conceituais sobre condições de trabalho, moradia, transporte, alimentação e saúde.

Korsakas define esta postura pedagógica de tratamento da relação esporte e educação da seguinte forma:

A possibilidade de o esporte atuar como meio de educação está estreitamente relacionada às concepções que os adultos envolvidos em sua organização possuem sobre a criança e a educação, das quais depende sua prática, sendo que o professor ou técnico - daqui em diante educador - assume papel de destaque por seu contato direto e constante com os praticantes (KORSAKAS, 2002, p. 42).

Concluindo a graduação em 1980, retornamos a Mato Grosso, onde iniciamos nossa carreira docente como professor auxiliar de ensino na Universidade Federal de Mato Grosso, no Campus de Cuiabá. Desde o princípio, lotado no Departamento de Educação Física, do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde – CCBS.

Posteriormente, fizemos um curso de Especialização em Educação Física Infantil, o que possibilitou-me a compreensão das atividades motoras e de suas possibilidades educativas, haja vista que: “nesse final de século XX e início do século XXI, pode-se afirmar que a criança se torna ainda mais o centro das atenções e das preocupações dos adultos” (PRISZKULNIK, 2002, p. 15).

Como professor efetivo da UFMT, assumimos cargos administrativos como chefia de departamento e supervisão de educação física, desportos e recreação, em que o trabalho de extensão foi de fundamental importância. Estas experiências redundaram em desenvolvimento de projetos destinados a comunidades carentes de bairros periféricos de Cuiabá. Entre estes projetos destacam-se: manhãs de recreio nos bairros populares próximos ao campus; atração das crianças para atividades na Universidade e envolvimento em atividades físico-esportivas

sistemáticas; aperfeiçoamento e treinamento de talentos desportivos, incluindo programa de alimentação, saúde e acompanhamento escolar.

Para Paes (2003, p. 90), *“a riqueza do esporte está na sua diversidade de significados e re-significados, podendo, entre outras funções, atuar como facilitador na busca da melhor qualidade de vida do ser humano, em todos os segmentos da sociedade”*.

O resultado destes programas se traduziram na revelação de jovens talentos nacionais como Jorilda e Nadir Sabino, no atletismo e Joubert Araújo Martins - “Beto” no futebol - atleta que iniciou sua vida esportiva na escolinha de futebol da UFMT, sendo posteriormente contratado pelo clube de regatas Vasco da Gama, chegando a atuar, inclusive, na Seleção Brasileira de Futebol e, desde 2004, na equipe do “Sanfrecce Hiroshima Futebol Club do Japão.

Portanto, nosso interesse no Projeto Digoreste nos Esportes, desenvolvido pela Diretoria de Desportos e Lazer da Prefeitura Municipal de Cuiabá é perfeitamente justificável e compreensível, haja vista todo o envolvimento que mantemos, ao longo de minha carreira, seja enquanto esportista ou docente, com as práticas esportivas e educacionais, comprometido com as camadas populares, com as quais passamos a identificar cada vez mais no decorrer de nossa trajetória escolar e profissional.

1.2 FUTEBOL

Tal tem sido a complexidade envolvendo o futebol brasileiro que, cada vez mais, estudiosos se dedicam a compreender o fenômeno. O futebol é tema de discussão em bares, nas tardes de domingo, nos meios de comunicação:

É inegável a influência que o futebol teve na vida nacional a partir do início deste século. Apesar de caracterizar-se, no início como esporte de elite, a partir de meados da década de 1920 ele se popularizou de tal forma que atinge, hoje, direta ou indiretamente toda a população brasileira. O país mobiliza-se em dias de jogos importantes ou quando a seleção nacional vai

participar de uma Copa do Mundo. Enormes multidões dirigem-se semanalmente aos estádios para torcer pelo seu time. Grupos de torcedores acompanham regularmente sua equipe em jogos em outras cidades (DAOLIO, 1997, p. 101).

Além dessa dimensão social é importante destacar também o reflexo que o futebol vem tendo na arte:

Outro fato que vale destacar é a quantidade de obras artísticas que, direta ou indiretamente, retratam o futebol, incluindo-se músicas, quadros, filmes, peças de teatro, fotografias, livros, poesias, embora alguns autores considerem ainda pequeno esse número, levando-se em conta a influência do futebol na vida nacional [...] (DAOLIO, 1997, p. 102).

Outro trabalho que merece destaque para a compreensão da importância do futebol como fenômeno cultural e social é o de Regina da Costa que organizou o livro intitulado *Futebol – Espetáculo do Século*. Nele são tratados temas como sua influência na música; cinema; a nova organização do futebol em empresas; as possibilidades de democracia neste esporte. Procura mostrar ainda que o futebol de várzea não morreu, mas sim, mudou de lugar. Analisa também o fenômeno das torcidas organizadas.

José Jairo Vieira é outro estudioso que vem contribuindo com esta temática:

No Brasil de uma forma geral, vem aumentando a quantidade de pesquisas sociais sobre esportes e especialmente sobre o futebol. Este movimento teve um nítido crescimento na década de 70. As contribuições de alguns destes trabalhos realizados sobre o futebol brasileiro são de extrema importância para uma melhor interpretação tanto do futebol quanto da sociedade brasileira (VIEIRA, 2001, p. 37).

Ele ainda observa:

Falar da existência de uma sociologia do esporte no Brasil não é uma afirmação precoce, pois se institucionalmente ainda nos falta um centro acadêmico que forme e especialize sociólogos do esporte, esta temática já se faz presente em muitos programas de pós-graduação. Como consequência, a produção que existe sobre este tema é dispersa e heterogênea com relação ao referencial teórico utilizado (p. 38).

Uma descrição interessante da amplitude do futebol e de seu alcance mundial pode ser observada através da visão da socióloga americana, Janet Lever:

O papel paradoxal do esporte é mais dinâmico no nível mais elevado de competição. Os torcedores sentem uma fidelidade a seu país e uma intensa identificação entre si, ao mesmo tempo em que tais competições internacionais simultaneamente reforçam o etnocentrismo e unem as nações numa cultura popular global. Os atletas lutam pela honra de suas nações, embora admirando habilidade, espírito e estilo de jogo dos adversários. Como o esporte de equipe mais popular do mundo, o futebol cria experiência comunitária melhor do que qualquer outra coisa na cultura de massa (LEVER, 1983, p. 47).

O futebol como mostram os estudos sobre a sua história nasceu na Inglaterra, no século XIX com o nome de *football* que traduzido significa: *foot* – pé; *ball* – bola. Lever (1983) considera que o auge de sua popularidade, em seu país de origem, coincide com “os anos de domínio marítimo, industrial e imperial britânico”; tendo os britânicos ajudado a difundir este esporte em toda a Europa e América do Sul. Dado interessante registrado por essa mesma autora dá conta de que os marinheiros e soldados que participaram das guerras mundiais foram os principais responsáveis pela disseminação do futebol no mundo.

Outro aspecto que nos chama a atenção acerca da origem do futebol é que ele principia como uma atividade mais popular, “*formas de jogos em que se chuta uma bola eram praticadas na antiga China e em Roma. Uma variedade tumultuada de futebol era jogada nas ruas da Inglaterra medieval durante os feriados públicos*” (LEVER, 1983, p. 60).

Depois, passa a ser praticado em escolas de elite da Inglaterra, tendo um caráter disciplinar:

Mas o jogo praticado atualmente foi inventado em meados do século XIX nas escolas de elite da Inglaterra. Thomas Arnold, diretor da Escola Rugby, alterou a própria natureza do esporte, passando de uma celebração bárbara para uma atividade que educa os jovens nas virtudes do trabalho árduo, disciplina e autocontrole (LEVER, 1983, p. 60).

E, por fim, passou a ser ensinado às classes trabalhadoras:

o futebol permaneceu como recreação aristocrática até o final da década de 1870, quando foi ensinado às classes trabalhadoras industriais emergentes pelos clérigos, homens de negócios e diretores de fábricas (LEVER, 1983, p. 61).

O caráter disciplinar presente nas escolas também podia ser observado nos clérigos que utilizavam o futebol como um meio de combater a violência e delinqüência nas cidades pobres do norte do país - Inglaterra. Já para outros o caráter deste esporte era o desejo de praticar e vencer o jogo, o que fazia com que se recrutassem os melhores talentos.

Logo, instituiu-se o sábado como o dia do futebol, uma vez que estimulados pela Football Association - que instigava a expansão do futebol - os trabalhadores passaram a ter folgas nas tardes de sábado. Em pouco tempo o futebol tornou-se a atividade recreativa das classes trabalhadoras, que trataram de adequar o jogo aos seus portes físicos. Seu jogo consistia em: controle de bola, dribles e passes precisos. Segundo Lever (1983), rapidamente o futebol que se desenvolveu entre os trabalhadores superou o futebol jogado pelas classes médias e superior do sul do país.

Essa evolução da prática do futebol trouxe a profissionalização daqueles atletas mais habilidosos que tinham sua origem quase sempre nas classes trabalhadoras. O conflito que se instala com essa profissionalização faz parte da luta social expressa nos conflitos de classes que marcam a sociedade inglesa e européia daquela época:

O profissionalismo tornou-se a questão moral que exemplificava o conflito de classes. Na década de 1880, o futebol já podia atrair 10 mil espectadores pagantes para uma partida, os clubes podiam pagar aos jogadores para disporem de mais tempo para aperfeiçoar suas habilidades. As classes privilegiadas consideraram que o pagamento era uma afronta às tradições do esporte amador; mas os jogadores das classes trabalhadoras precisavam do dinheiro (LEVER, 1983, p. 61).

Essa contradição presente no futebol inglês daquele momento perpassou séculos e ainda hoje se evidencia nas relações existentes no futebol mundial, tendo desenvolvido novas formas de expressão.

Sem dúvida nenhuma Marx e Engels são os que melhor expressam a dinâmica dessa luta social que marca esse momento histórico em que os processos de desenvolvimento do capitalismo coincidem com a expansão da prática do futebol:

Evidencia-se de todo o desenvolvimento histórico até os nossos dias que as relações comunitárias em que entram os indivíduos de uma classe, e que eram sempre condicionados por seus interesses comuns em face de terceiros, consistiam sempre em uma comunidade que englobava esses indivíduos unicamente enquanto indivíduos médios, na medida em que eles viviam nas condições de existência da sua classe; eram, portanto, em suma, relações nas quais eles participavam não enquanto indivíduos, mas sim enquanto membros de uma classe (MARX; ENGELS, 1998, p. 93).

Como represália aos trabalhadores, os membros da Football Association ameaçaram afastar os clubes que pagassem aos jogadores. A resposta não tardou e os clubes do norte também ameaçaram se retirar em massa. Só em 1885 chegou-se a um acordo: os profissionais seriam aceitos mas estariam submetidos a um controle administrativo.

O Comitê Internacional de *Football Association* FIFA – foi criado em 1882, pelas associações de futebol da Inglaterra, Irlanda, Escócia e Gales e tinha como objetivo ser o único órgão a dispor sobre as regras do jogo.

Analisar o contexto da prática do futebol na contemporaneidade implica em reconhecer uma complexidade que envolve interesses econômicos, aspectos culturais e sociais:

O atual profissionalismo, apesar de guardar a mesma ambição pela recompensa financeira, pela vitória, mostra diferenças na organização e na concepção de ser profissional; seja pelo próprio jogador, pela sociedade. Surgem, assim, por um lado, toda uma estrutura organizacional, ligas, federações, confederações nacionais e internacionais, clubes, campeonatos; enfim, tudo o que visa satisfazer à demanda social, cultural e econômica contemporânea para o esporte e para o jogador (VIEIRA, 2001, p. 51).

Enquanto se desenvolvia tecnicamente e aprofundavam-se suas características marcadamente sociais e culturais, o futebol:

[...] espalhava-se como fogo em mato seco pela Europa, do final da década de 1870 e pela década de 1880. A rapidez com que o futebol viajou da Inglaterra para o continente e se estabeleceu como um jogo realmente internacional foi notável. O jogo se desenvolveu por toda parte em que a Inglaterra atuava ou comerciava. (...) Os meios de difusão foram muitos: jovens que estudaram em escolas inglesas levaram o esporte ao voltarem para Holanda, França, Portugal e Itália; os funcionários das embaixadas britânicas introduziram o jogo na Suécia e Dinamarca; marinheiros britânicos exportaram o jogo para todas as cidades portuárias da Europa; engenheiros britânicos introduziram o futebol na Espanha; e dois gerentes de fabricas têxteis de Hampshire fundaram um clube nos arredores de Moscou, onde estavam iniciando a indústria local (LEVER, 1983, p. 63).

A Áustria foi o primeiro país da Europa a se profissionalizar no futebol, em 1924; depois foi a Tchecoslováquia em 1925; a Hungria em 1926; Espanha e Itália em 1929. Entre os países latino-americanos o primeiro foi a Argentina.

E foi esta expansão ampla que, como vimos, guarda uma estreita relação com o desenvolvimento capitalista no mundo, que trouxe o futebol para o solo brasileiro; aqui ele se consolida como “*unanimidade*”, como a “*paixão número um*”, como “*paixão nacional*” ou como qualquer um dos milhares dos adjetivos utilizados para descrever a relação dos brasileiros com o futebol.

1.3 O FUTEBOL BRASILEIRO

Charles Miller – um brasileiro filho de um cônsul britânico em São Paulo - que havia estudado na Inglaterra, volta ao Brasil em 1894 e aqui implanta a modalidade esportiva. Muito embora, segundo Lever (1983), alguns acreditem ter sido os marinheiros britânicos, que uma década antes, introduziram o futebol nos portos do Rio de Janeiro e do Brasil essa explicação se fundamenta, segundo a autora, observando-se a expansão do futebol na América Latina:

enquanto isso, marinheiros britânicos haviam levado o jogo para cidades portuárias da América do Sul. Cidadãos britânicos que administravam

bancos, ferrovias e indústrias têxteis instituíram o futebol nos clubes sociais das grandes cidades. O esporte se implantou firmemente no Uruguai, Argentina, Chile e Brasil, onde havia colônias britânicas ativas, supervisionando inúmeros investimentos britânicos. O padrão nesses países é idêntico. A introdução e desenvolvimento do futebol no Brasil descrevem convenientemente o processo em todos esses países latino-americanos (LEVER, 1983, p. 64).

Divergências à parte, Miller, que havia jogado na primeira divisão inglesa enquanto estudava em Southampton, Inglaterra, retorna ao Brasil e munido de “*bolas oficiais e livros de regras*”, ajudou a fundar clubes entre os ingleses. Destacando-se os da Companhia de Gás, São Paulo Railways e London Bank. A primeira equipe predominantemente brasileira foi a da Universidade Mackenzie em São Paulo, em 1898.

Inicialmente o futebol brasileiro era um esporte praticado pelas elites, que o buscavam como fonte de lazer. As primeiras equipes surgiram em clubes sociais de alta classe, colégios e fábricas. Posteriormente, outros clubes foram criados, entre eles podemos citar a Ponte Preta, em 1900, e o Corinthians, em 1910:

Essa foi a era em que o futebol era “chique”. O jogo estava limitado aos poucos que conheciam o esporte e tinham acesso aos clubes aristocráticos onde era praticado. Novas ondas de imigrantes europeus expandiam os clubes. Os alemães, os portugueses e os italianos que chegavam formaram suas novas equipes, a fim de rivalizar com os britânicos. Não demorou muito para que esses jogadores recebessem a adesão dos filhos das elites locais, que haviam aprendido o jogo quando estudavam ou viajavam pelo exterior, ensinando-o aos colegas ao voltarem (LEVER, 1983, p. 65).

As camadas populares formadas por brancos, pobres, negros e mulatos, estavam inicialmente excluídas:

não se tratava de só querer branco legítimo. Ninguém no Fluminense se pensava em termos de cor, de raça. Se Joaquim Prado, o wingger-left do Paulistano, quer dizer extrema-esquerda, preto, do ramo preto da família Prado, se transferisse para o Rio seria recebido de braços abertos no Fluminense. Joaquim Prado era preto, mas era de família ilustre, rico, vivia nas melhores rodas (MARIO FILHO, 2003, p. 36).

Já no Rio de Janeiro, o futebol foi introduzido por um descendente inglês chamado Oscar Cox, que despertou o interesse da juventude pelo futebol, ao organizar os jogos de bola. No geral, a expansão do futebol carioca foi similar à do futebol paulista:

Até mesmo o Flamengo, o clube de massa atual, começou com uma equipe formada exclusivamente por estudantes de medicina, que haviam deixado o fluminense. As moças das melhores famílias do Rio compareciam aos clubes, elegantemente vestidas, a fim de admirar os representantes da aristocracia local no campo Lever, (p. 65).

Logo, os trabalhadores das indústrias que eram espectadores, passaram a jogadores e foram formando seus clubes nos bairros; já em 1915 as ligas metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro já haviam se expandido, chegando a parecer, inclusive, com as formações atuais.

É importante registrar que em 1914 foi criada a Confederação Brasileira de Desportos:

O ímpeto de formar associações de futebol, tanto em países europeus como nos latino-americanos, deriva do desejo de realizar campeonatos nacionais. Mas no imenso Brasil, onde as distâncias entre as cidades tornava impossível um campeonato nacional, formou-se o equivalente de uma associação de futebol por causa do desejo intenso de competição internacional Lever (p. 66).

Em 1933, mesmo com resistência, o futebol brasileiro começa a ser profissionalizado, contar com a participação de jogadores populares, negros e mulatos e a contar também com a participação e a assistência de um público que viria a ser uma das maiores torcidas do mundo. Este fato incomodou sobremaneira os dirigentes da época que tentavam manter este esporte sob o domínio da elite dominante branca.

A partir de então, o futebol se tornou uma “febre brasileira” adquirindo grande importância nacional. Esporte mais praticado no país, independentemente de classe ou raça, sua forma e técnica de jogo são invejadas por muitos, seus jogadores são referências mundiais e considerados “mestres”. É ele o responsável pela mobilização de grandes massas.

É impressionante, para qualquer observador deste processo, como o futebol brasileiro se popularizou tão intensamente em uma época, início do século XX, em que os meios de comunicação ainda eram limitados:

aí surge a pergunta que intriga a todos os estudiosos e torcedores desse esporte: como foi possível uma modalidade esportiva surgida na Inglaterra, trazida ao Brasil em 1885, ter se tornado já nos primeiros anos do século XX uma prática extremamente popular? Essa popularização é ainda mais impressionante quando lembramos que a divulgação de eventos esportivos era muito limitada, uma vez que a televisão, hoje a grande responsável pela transmissão de espetáculos esportivos, ainda não existia (DAOLIO, 1998, p.).

O autor argumenta que foi por esta ocasião que a condução do futebol escapou ao controle dos dirigentes de clubes, diretores de escolas estrangeiras ou donos de fábricas, passando a ser praticado nas praias, nas ruas e em campos de várzea.

O futebol brasileiro, hoje, não está presente apenas nos campos de futebol, ele virou filme, música, peças teatrais e novelas, dada a intensidade que o mesmo repercutiu na vida do povo brasileiro. Mais que isso, ele é responsável por uma grande parte da programação dos meios de comunicação em todo o Brasil como as emissoras de rádio e TV, que se dedicam à cobertura e transmissão dos diversos torneios, campeonatos, amistosos e copas.

Sobre o futebol mato-grossense, muito pouco se encontra que relate a sua trajetória. Os registros mais comuns dão conta de que, em 1942, nascia a Federação Mato-grossense de Desportos – FMD; com estatutos próprios da entidade, que tinha à frente seu primeiro presidente, Alexandre Addor Filho.

Dentre os diversos clubes fundadores destaca-se o Clube Esportivo Dom Bosco que até os dias atuais figura no cenário estadual.

Em 1950, foi feita a doação de um terreno onde seria construído o estádio Presidente Dutra - popularmente conhecido hoje como Dutrinha.

Em 1979 a FMD se transformou em Federação Mato-grossense de Futebol - FMF; tendo sempre à frente, como presidente, o esportista e advogado Carlos Orione.

1.4 O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO

O primeiro grande estudo sobre a importância da presença de atletas negros para o desenvolvimento do futebol no Brasil, hoje já considerado um clássico sobre o tema, é *O Negro no Futebol Brasileiro* de Mario Filho. Que retrata como, progressivamente, esse esporte praticado pelas elites foi sendo transformado pela intensa inserção de atletas negros, fazendo com que ocorresse uma verdadeira revolução no futebol brasileiro.

Esse fato, destacado por Mario Filho, chama atenção para uma afirmação de Ana Lúcia Valente que analisa as dificuldades de ser negro no Brasil, ontem e hoje:

o racismo entre negros e brancos teve origem no escravismo e foi mantido nas relações de produção posteriores, adquirindo então novas formas. Mesmo com as mudanças nos sistemas econômicos, nas relações de trabalho e nas formas de opressão, verificamos que os negros continuaram e continuam a ser ideologicamente definidos como inferiores (VALENTE, 2002, p. 14).

E é essa definição de pretensa inferioridade que nos permite compreender o que fez com que a participação dos negros no futebol brasileiro só tenha ocorrido tempos após à chegada do esporte no Brasil e de uma forma bem diferente da que se deu em outros países, mesmo onde o negro chegou como escravo.

Ainda assim ela ressalta que:

Assim mesmo, o destaque de negros no esporte e na música vem acompanhado de preconceito, discriminação e de outros tantos estereótipos conhecidos: 'Ele tem fôlego de negro'; 'Todo negro tem mais resistência física'; 'Você viu a potência da voz daquele cantor? Deve ser negro...'; 'Todo negro é bom de bola' (VALENTE, 2002, p. 58).

Todo esse processo de vinculação e ascensão dos atletas negros no desenvolvimento do futebol pode-se considerar como sendo marcado pelas mesmas contradições e dificuldades da condição de ser negro no Brasil:

É fácil imaginar a pressão exercida sobre o jogador, branco, mulato ou preto. Mas sobre o mulato e o preto que envolvem a mistura racial em que se caldeia o futebol brasileiro. O Futebol desencadeia uma luta entre clubes que é o seu cotidiano. A tal ponto que se chamou a essa luta de guerra o jogador era o soldado, a carne do canhão embora alguns fossem generais, deuses das batalhas. Muito jogador não resistiu a essa tensão permanente verdadeiro stress.

“...” diz respeito ao embranquecimento do preto nos clubes que defendem. Um preto no Fluminense não é preto para o Fluminense. É tratado como branco. Pode esquecer-se da cor e dizer como Robson:

- Eu já fui preto e sei o que é isso.

Realmente os pretos do futebol procuraram, à medida que ascendiam, ser menos pretos. Esquecendo-se de não se lembrar mesmo em alguns casos que eram pretos. Mandando esticar os cabelos, fazendo operações plásticas, fugindo da cor.

Daí a importância de Pelé, o rei do futebol, que faz questão de ser preto. Não para afrontar ninguém, mas para exaltar a mãe, o pai, a avó, o tio, a família pobre de pretos que o preparou para glória. (MARIO FILHO, 2004, p. 17).

Luis Fernandes (2003), analisando a obra de Mario Filho, ressalta o caráter elitista do futebol brasileiro logo nos primeiros anos, a formação dos clubes e o deslocamento desta prática desportiva para os bairros periféricos, bem como o surgimento dos grandes clubes e a profissionalização do futebol. Afirmando que essa estrutura elitista foi quebrada, quando, na antiga capital federal clubes como Vasco da Gama, São Cristóvão e Bangu contavam com numerosos atletas negros e mulatos de origem popular.

Um outro estudioso do tema, José Jairo Vieira (2001), tece considerações importantes sobre todo esse período, procurando analisar o processo histórico do futebol brasileiro desde então, ele traça um panorama de como o negro vai se configurando no cenário futebolístico.

Para ele, os três times mais importantes da história do surgimento do futebol no Brasil foram: Fluminense, Bangu e Vasco da Gama, que viviam claramente os conflitos de classe social e os conflitos raciais da época. Segundo ele, o Fluminense representava a elite da

sociedade; o Bangu a participação dos trabalhadores no futebol e a democratização social do mesmo e o Vasco da Gama a entrada dos negros no futebol e a sua democratização racial.

Enquanto o Fluminense nascia da elite da época, localizava-se no Retiro da Guanabara – atual bairro de Laranjeiras, portanto de fácil acesso para os grupos sociais abastados, o Bangu surgia ligado a uma fábrica de tecidos, em 1904, nos subúrbios de Vila Isabel, Andaraí e Mangueira proporcionando possibilidade da participação de operários na prática do futebol. Já o Vasco, fundado em 1898, tinha como principal esporte o remo. Só mais tarde, com a junção com o Lusitânia, em 1915, é que o clube ingressaria com futebol. Essa junção ocorreu pelo fato de que o Vasco da Gama, demonstrando grande interesse em ter um time de futebol incorporou os atletas do Lusitânia, clube formado predominantemente por atletas da comunidade portuguesa no Rio de Janeiro. A exigência da recém fundada liga carioca de futebol de que todos os clubes tivessem a participação de atletas brasileiros apressou a fusão dos dois clubes.

Aspecto importante a ser observado acerca do Fluminense é que a sua torcida era constituída, também, por pessoas pobres, o que levava estas pessoas a torcerem por um outro clube estava relacionado a diversos fatores como: simpatia pelo clube, pelas cores, pelo vestuário, pelos jogadores entre outros e não a identidade de classe ou localização geográfica.

Seus jogadores eram jovens da elite que praticavam o futebol como lazer e entretenimento, não recebendo nada para isto. Só no final da década de quarenta, com a consolidação do processo de profissionalização é que ele passou a receber atletas negros. Este fato coloca o Fluminense como o último clube do Rio de Janeiro a aceitar negros em seu elenco. Essa inclusão de negros nos demais clubes cariocas já havia ocorrido desde a década de 20 e início de trinta.

Operários ingleses especializados que vieram para o Brasil trabalhar em uma fábrica de tecidos logo trataram de importar material necessário para a prática do futebol. Essa

iniciativa está na origem da fundação do Bangu Atlético Clube. Como apenas os funcionários estrangeiros não eram suficientes para compor os times, eles passaram a requisitar os funcionários brasileiros de escalões inferiores para completá-los. Tais trabalhadores passam a adquirir uma importância maior:

Este é, indiscutivelmente, o primeiro clube a ter um futebol democrático no Brasil. Não que ele não quisesse ser elitista; é que ele simplesmente não tinha condições de sê-lo. O que mais parece surpreender neste fato é este clube ser formado por ingleses, ou seja, os pioneiros da democracia no futebol brasileiro [...]” (VIEIRA, 2001, p. 157).

Observa-se que o futebol do Bangu foi a primeira experiência que apontava para o futebol empresa e que se diferenciava, em muito, do futebol praticado sem recursos financeiros, que quase sempre tinha que propiciar auxílio ou premiação aos seus jogadores que não dispunham de condições financeiras para jogarem o futebol - esporte caro na época.

Vieira vai explicitar, porém, que não foi o Bangu o único responsável pela superação das barreiras do negro no futebol, em que pese que o time tenha contribuído:

De qualquer forma, o Bangu torna-se importante para a participação negra no futebol porque iniciou uma prática que, mais tarde, foi utilizada por ele mesmo e por outros clubes, o empregado que era atleta, o que muito favoreceu e beneficiou entrada de negros no futebol, dando a este esporte uma signa inicial de possibilitador de social para negros e mulatos (VIEIRA, 2001, p. 159).

O autor vai esclarecer, ainda, que havia uma aceitação da participação de mulatos de famílias ricas, o que não queria dizer que os negros e humildes fossem aceitos. Um bom exemplo é o jogador Friedenreich, filho de mãe negra e pai alemão que por ser de família abastada não teve impeditivo para jogar nos clubes de elite. Foi considerado um dos melhores jogadores de seu tempo.

Verdadeiramente, foi o Vasco o primeiro time de futebol a aceitar a presença predominante de mulatos e negros em suas fileiras:

Isto causava grande confusão nos valores sociais da época, principalmente, porque o Vasco obtinha vitórias sobre os times de elite. O que colocava em xeque um dos maiores ideais tanto de ideologia do branqueamento quanto dos motivos que levaram a não-inclusão do negro como elemento que pudesse vir constituir a nação brasileira, ou seja, a inferioridade dos negros perante os brancos, sua incapacidade de se adaptarem a um padrão civilizado de sociedade (VIEIRA, 2001, p. 163).

Essas transformações na organização e a presença cada vez mais massiva de atletas negros e mulatos predominantemente de origem popular, atuando profissionalmente em clubes de todo o país, estão na origem de muitos dos conflitos e tensões encontradas no contexto histórico da organização e da prática do futebol no Brasil.

Desta forma, gostaríamos de ressaltar que os impasses e tensões observados no Brasil quando se teve o processo de profissionalização do futebol já haviam ocorrido de forma semelhante na Inglaterra. No Brasil, vale destacar que tanto a presença do negro e do pardo no futebol como as tensões daí oriundas dão especificidade ao processo de profissionalização do futebol brasileiro (VIEIRA, 2001, p. 54).

A partir de 1950, acontecimentos importantes viriam marcar a história da participação do negro no futebol brasileiro. Essa data estabelecida por Mario Filho (2003, p. 16), em razão da perda da Copa do Mundo de 1950 pela seleção nacional é reconhecida também como marcante por outros estudiosos do futebol brasileiro.

Como já ressaltamos anteriormente foi a profissionalização do futebol brasileiro que marcou o divisor de águas na participação do negro no futebol no Brasil. Isto em função das mudanças que afetam na organização do futebol e que se refletem no plano econômico. Um exemplo dessas mudanças é a migração de uma grande massa de jogadores para o exterior. Fato este que vem ocorrendo com intensidade, desde o final dos anos sessenta do século passado.

Essa possibilidade de sucesso no cenário dos esportes, aberto aos jovens negros, particularmente no futebol, tem levado muitas famílias negras a valorizarem o aprendizado dessa modalidade esportiva. Um aspecto mais recente tem sido o de vincular a prática

esportiva com a formação escolar. Propostas como a do Projeto Digoreste são um exemplo disto. Esse entendimento está muito próximo daquela exigência feita pelo meu pai, quando autorizou a minha ida para o C. R. Flamengo. Os jovens negros do projeto e suas famílias podem ser considerados uma expressão dessas expectativas de sucesso pela prática do futebol sem, contudo, esquecer a importância da formação escolar com vistas à afirmação social e econômica.

CAPÍTULO II

Jovens Negros Jogam Futebol e vão à Escola em Cuiabá: O Projeto

Digoreste no Esporte.

2.1 JOVENS NEGROS

Estudos e pesquisas recentes, desenvolvidas em Mato Grosso, dão conta de que este Estado possui um contingente expressivo de negros com peculiaridades próprias que merecem ser estudados.

Esses estudos sobre negros em Mato Grosso tem sido desenvolvidos em especial no Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Relações Raciais e Educação. Criado em 2000 esse Núcleo vem sendo coordenado pela Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia Rodrigues Müller e já produziu cerca de 14 dissertações sobre a temática no Programa de Pós Graduação da UFMT.

Destaque deve ser dado também aos trabalhos de Maria de Lourdes Bandeira Delamônica Freire sobre comunidades de negros existentes no Estado, como Vila Bela, Mata Cavalos e Livramento como referências precursoras de estudos sobre as relações raciais em Mato Grosso.

Vale ressaltar ainda os recentes trabalhos de Andrea Santos (2005), que estudou a presença de jovens negros no ensino médio na modalidade de educação de jovens e adultos –

EJA e Marilane Costa (2004), que pesquisou a formação da consciência política da pequena burguesia negra cuiabana.

Costa (2004) argumenta que os negros sempre tiveram presença marcante no Estado, com forte contribuição cultural: *“outro aspecto que leva-nos a fazer tal afirmação está relacionada às festas e manifestações culturais que, conforme constatamos, sempre estiveram presentes na comunidade mato-grossense”* (COSTA, 2004, p. 29).

A autora, que analisa o processo de ascensão social da pequena burguesia negra em Cuiabá, faz um retrospecto histórico da ascensão dos negros mato-grossenses: como se estabeleciam as suas relações sociais e de trabalho – ainda na sociedade escravagista –, quais os mecanismos de ascensão mais comuns e, com base em suas trajetórias, como pensam e agem alguns negros em posições de destaque na sociedade cuiabana.

A preocupação em estudar estas trajetórias nos parece procedente uma vez que Cuiabá constitui-se de uma cidade com um processo histórico interessante; com uma população miscigenada mas que, guarda em seus traços muitas histórias ainda não contadas. As relações sociais que aqui se desenvolvem também merecem atenção (p. 10).

E, ao desvendar um pouco mais destas “histórias ainda não contadas”, Costa identifica que os negros pertencentes à pequena burguesia cuiabana, em sua maioria, são nativos; vivem na cidade por opção, “em função da hospitalidade do povo cuiabano, pela mistura étnica aqui encontrada e pelas oportunidades de trabalho que aqui tiveram” (p. 81); acreditam que a cidade está se modernizando, apesar de ressaltarem algumas dificuldades como a relacionada à formação profissional, à falta de opções de lazer, ao trânsito, ao clima e à exclusão dos cuiabanos do centro da capital, para as áreas periféricas da cidade, em virtude do processo de migração de brasileiros vindos de diversas partes do país, sobretudo das regiões Sul e Sudeste; sentem-se integrados à sociedade, participando de seus espaços de lazer e contribuindo através de suas atuações profissionais com o progresso da cidade.

Outro aspecto que chama a atenção neste trabalho é a constatação sobre a religiosidade destes negros, que têm forte ligação com o catolicismo.

E por fim, um outro aspecto que nos interessa para a compreensão do presente trabalho e que aparece no estudo da autora, é a convicção de que os negros que ocupam posição de destaque em Cuiabá tem, de ser referência para outros negros, tanto no que diz respeito ao sucesso obtido, quanto na luta contra a discriminação e o preconceito:

Entendem que contribuem para a diminuição dos índices de preconceito adotando diálogos com a sociedade, realizando palestras, se firmando na sociedade como profissionais em ascensão e como tal, tornando-se referência e exemplo para outros negros (p. 137).

Como já foi dito no início deste trabalho alguns profissionais negros do esporte mato-grossense também aparecem como destaque e referência a ser seguida, como é o caso do jogador de futebol Geilson de Carvalho Soares - atacante da equipe do Santos Futebol Clube/SP que atualmente encontra-se em franca ascensão profissional.

Em geral, profissionais negros que ascendem no futebol iniciam suas trajetórias muito cedo, ainda na juventude. Há que se ressaltar, que a juventude é período importante na vida de qualquer indivíduo; para os negros este pode ser um período mais marcante ainda, uma vez que as suas aspirações são as mesmas de qualquer jovem branco, com projetos de escolarização trabalho, lazer, entre outros; o que vai diferenciá-los são as oportunidades.

No relato de alguns negros em ascensão social em Cuiabá, presentes no estudo de Costa (2004), os mesmos compreendem que a juventude é um momento mágico na vida, entretanto, passageiro. Consideram que os jovens atualmente são pouco esclarecidos e que deveriam receber mais orientações e acompanhamentos psicológicos para enfrentarem o período de transição e de conflitos que são comuns nesta etapa da vida. Preocupam-se com o referencial de modernidade incutido na juventude que, segundo o entendimento, não é o referencial de Brasil, mas sim da influência norte-americana.

A própria trajetória destes negros em ascensão, ainda na juventude, na sociedade cuiabana, foi marcada pelos conflitos típicos da adolescência, que segundo relatam, foi enfrentada com uma rebeldia saudável, na busca pelo novo, pelo diferente, canalizando essa energia juvenil para os estudos, a busca pela independência e alguns para a formação política e militância no movimento estudantil.

Representantes de uma outra geração, não são as suas trajetórias de juventude que se aproximam dos jovens negros pesquisados no Projeto Digoreste, mas sim a opinião e a preocupação que os mesmos demonstram com a juventude na atualidade, considerando que os jovens negros de outrora, com suas ações e pensamentos contribuíram, ainda que indiretamente, para o avanço e para a visibilidade dos negros e de seus problemas na sociedade, conforme analisa Costa (2004).

As transformações constantes na/da sociedade e conseqüentemente da juventude, tem despertado cada vez mais o interesse de pesquisadores sobre o tema. A própria Universidade Federal de Mato Grosso, recepciona o grupo de pesquisa Educação, Jovens e Democracia, ligado à linha de pesquisa de movimentos sociais, que tem se dedicado a estudar a juventude mato-grossense.

Nesse sentido estudar a presença de negros em um projeto esportivo que tem a intenção de articular educação e esportes em Cuiabá se inscreve na perspectiva desses estudos que procuram revelar dimensões das relações raciais em Mato Grosso.

2.2 O PROJETO DIGORESTE

O Projeto Digoreste nos Esportes, criado em 2005, tem sua origem em outro projeto desenvolvido anteriormente pela Secretaria Especial de Desporto e Lazer - SEDEL denominado Bom de Bola Bom de Escola.

Esse Projeto, Bom de Bola Bom de Escola, criado em 1997, na administração do Prefeito Roberto França Auad, tinha como objetivo proclamado a intenção de: “(...) formar o homem útil à sociedade, tendo o esporte e o lazer como um meio de inclusão social”.

Para tanto, a Prefeitura Municipal de Cuiabá e a Secretaria Especial de Desporto e Lazer, numa parceria com as Secretarias Municipais de Educação, Cultura, Bem Estar Social, Saúde, Secretaria de Estado de Justiça e Cidadania e iniciativa privada, construíram 21 miniestádios de futebol, para a implantação do Bom de Bola, Bom de Escola.

Inicialmente o Bom de Bola, Bom de Escola funcionava em 03 (três) miniestádios localizados nos bairros: CPA I, Jardim Universitário e Jardim Paulista, atendendo a, aproximadamente 600 (seiscentas) crianças e adolescentes.

Posteriormente, o Projeto passou a contar com uma estrutura de 24 (vinte e quatro) miniestádios e 17 (dezessete) Centros Esportivos e Áreas de Lazer, atendendo cerca de 4.800 (quatro mil e oitocentas) crianças e adolescentes na faixa etária de 06 a 17 anos de idade. Sua implantação foi gradativa, na medida em que as obras dos miniestádios foram sendo concluídas.

Outro objetivo do Bom de Bola, Bom de Escola era procurar proporcionar às ex-jogadores profissionais de futebol de clubes de Mato Grosso a reinclusão no mercado de trabalho, como monitores/ recreadores, emprestando seus conhecimentos e experiência ao referido projeto.

Além de as crianças e adolescentes praticarem futebol, voleibol, futebol de salão, handebol, basquetebol e atletismo, também participavam de palestras sobre higiene e saúde e das aulas de espanhol e civismo, tendo, também, acompanhamento educacional.

Com o término do mandato do prefeito Roberto França (1997-2000 / 2001-2004), assume a gestão do município de Cuiabá, Wilson Santos (2005-2008) que propondo reformulações na estrutura de governo, propõe mudanças também em vários Projetos

desenvolvidos na administração anterior. E o Bom de Bola, Bom de Escola não escapou a estas mudanças.

Apesar de reconhecer a relevância do Projeto Bom de Bola, Bom de Escola, a atual administração de Cuiabá tece críticas ao Projeto tal como vinha sendo desenvolvido pela administração anterior:

Porém nos últimos 04 anos, ou seja, de 2001 a 2004 os objetivos do Projeto não foram alcançados devido às deficiências na manutenção das estruturas físicas, falta de materiais esportivos, insuficiência e a não qualificação de recursos humanos para a orientação esportiva e educacional.

Em função destas críticas expressas em documento da Secretaria Municipal de Educação, Desporto e Lazer, o Projeto Bom de Bola, Bom de Escola, sofre consideráveis reformulações e passa a ser denominado: Projeto Digoreste no Esporte.

O Projeto Digoreste no Esporte passou a ser uma proposta de práticas esportivas para jovens oferecidas pela Prefeitura Municipal de Cuiabá, pensada na perspectiva de ser realizado em parceria com diversas Secretarias Municipais, Governo do Estado de Mato Grosso, Governo Federal, Organizações Não Governamentais (ONG'S), Sistema S, Instituições de Ensino Superior e Empresas do Comércio e da Indústria.

Realizada pela Secretaria Municipal de Educação Desporto e Lazer, através da Diretoria de Desporto e Lazer – DIDEL, a proposta do Digoreste objetiva possibilitar o acesso à prática esportiva, orientação educacional e preparação para o trabalho, aos alunos matriculados no ensino fundamental e ensino médio dos estabelecimentos escolares de Cuiabá, principalmente em áreas de vulnerabilidade social.

Princípios Metodológicos Utilizados no Digoreste

O Projeto Digoreste no Esporte, ao elaborar seus princípios procurou dar destaque

ao aspecto metodológico criando um tópico específico chamado Princípios Metodológicos. Neste tópico, o papel do professor ganha importância e é definido como aquele que deve respeitar a individualidade dos alunos, bem como os aspectos do processo de desenvolvimento humano e da aprendizagem, buscando o equilíbrio entre ações individuais e coletivas, cooperativas e competitivas.

Ao professor cabe ainda, oportunizar a aproximação de pensamento e ação por meio da prática de jogos; possibilitar vivências de modo que todos os participantes sejam capazes de aprender e praticar esportes sem pré-requisitos; oportunizar orientação para a melhoria do rendimento escolar; buscar alternativas para os jovens de 16 e 17 anos na capacitação para o trabalho (1º. Emprego) e orientação vocacional sem ferir o seu direito de praticar esporte e ter lazer.

O professor é compreendido como facilitador e mediador de experiências, incentivando e estabelecendo condições de participação dos alunos na construção e desenvolvimento das aulas, possibilitando desta forma, o re-pensar (significado) esportivo.

Portanto, cabe a ele contribuir para o estabelecimento de estratégias de construção de políticas públicas, a partir do comprometimento do poder público, a ampliação de parceiros e espaços, constituindo e atuando em rede, assegurando diversidade, sustentabilidade e complementaridade dos serviços.

Os Jovens do Projeto

Destinado às crianças e adolescentes na faixa etária entre 07 e 17 anos independente da questão de gênero o Projeto foi concebido para o atendimento prioritário de crianças e adolescentes de ambos os sexos na modalidade de futebol. No período em que foram coletados os dados da pesquisa o projeto atendia 890 jovens na modalidade futebol em seus cinco pólos.

2.3 O FUTEBOL NO PROJETO DIGORESTE

O projeto Digoreste objetiva oportunizar às crianças e adolescentes de ambos os sexos, práticas esportivas entre elas a modalidade futebol, como meio de educação e cultura, com vistas à promoção social e à saúde, bem como à formação e ao resgate da cidadania.

Para realizar esse objetivo procura assegurar parcerias com as Secretarias Municipais de Educação, Cultura, Bem Estar Social e de Saúde, Faculdade de Educação Física (UFMT), Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, Secretaria de Estado de Justiça e Cidadania e Iniciativa Privada.

A prática do futebol responderia a uma preocupação da administração municipal com o processo de construção e resgate da cidadania, com a oportunidade de inclusão social, retirando as crianças expostas a situações de risco social das ruas.

O Digoreste utiliza as mesmas instalações do projeto anterior, funcionado nos miniestádios e distribuídos em cinco pólos.

As parcerias com outras áreas do Governo e com a sociedade em geral permitiriam ainda articular a prática esportiva do futebol e a qualificação profissional capacitando os jovens para o trabalho,

Podemos citar, também, o fortalecimento das relações familiares, a revelação de novos talentos na modalidade, oportunizando ao adolescente descobrir a sua vocação profissional e seu talento para a prática esportiva, a promoção da saúde, inculcando a aquisição e prática de hábitos de higiene saudáveis, é também objetivo do projeto.

Sobre os aspectos pedagógicos, ressalta-se o acompanhamento do desempenho escolar dos alunos, evitando a evasão escolar, com bases pedagógicas e científicas consistentes.

CAPÍTULO III

Bons de Bola Bons de Escola os Jovens Negros no Projeto Digoreste

O “Projeto Digoreste nos Esporte” congregava, quando da realização deste trabalho, 890 jovens distribuídos pelos cinco pólos: CPA I, Jardim Vitória, Jardim Paulista, Jardim Santa Izabel e Jardim Santa Laura.

Movido pela intenção de oferecer às crianças e adolescentes desses bairros periféricos de Cuiabá, uma alternativa formadora, utilizando práticas esportivas, este Programa comunitário, de desenvolvimento educacional, está voltado para o esporte, basicamente para crianças e adolescentes.

Foi feita, em cada um dos Pólos pesquisados, uma seleção dos jovens negros para aplicação de questionário fechado com 27 perguntas versando sobre escolarização, relação com o futebol e relação racial. O critério para seleção foi feito por observação direta do pesquisador. Essa opção foi referenciada pela própria condição racial do pesquisador e também levando em conta o trabalho de Petruccelli, a Cor Denominada.

A análise a seguir, está agrupada com os resultados obtidos nos cinco pólos pesquisados e trará os temas abordados no questionário e respondidos pelos jovens negros. Estes temas consistem em aspectos da escolarização; relação com o futebol e relação racial.

3.1 ESCOLARIZAÇÃO

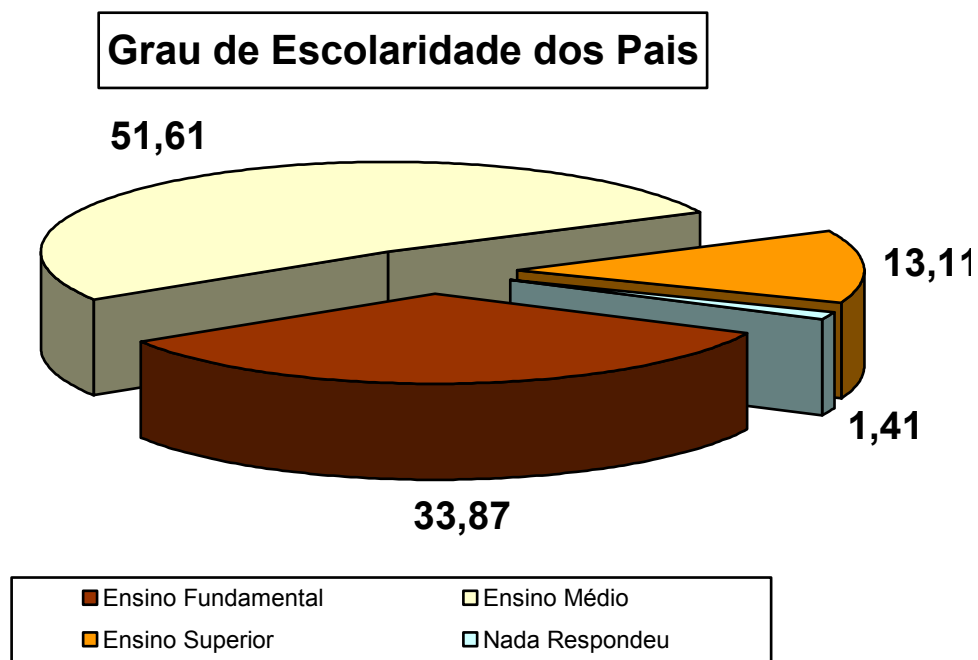
A educação brasileira vive, sem sombra de dúvidas, um momento de democratização do acesso à educação básica, com expansão da educação infantil e ensino fundamental e também um crescimento significativo do ensino médio - 3 milhões e cem mil matrículas na faixa de 15 a 17 anos - segundo Didonet (2000). Mas ainda assim, persiste o caráter elitista da escola brasileira que tem por tarefa não apenas abrigar a população escolarizável, mas sim, ensinar o que possibilitará à pessoa meios para dar sentido à vida, transformando-a. E neste sentido, o autor defende:

Colocar toda criança na escola é apenas meio caminho. Não basta estar inscrito no caderno de chamada e constar de estatísticas de matrícula para ter acesso e apropriar-se do conhecimento escolar. Outros fatores são decisivos para as crianças, como sentir-se acolhidas psicologicamente e socialmente no meio escolar; ter bons professores, que ensinem a todos os alunos e não apenas aos que prestam atenção, aos interessados, professores que pesquisam e acompanham o avanço do conhecimento no mundo, que estão contentes com as condições de trabalho; é ter livros e compreender o que está escrito neles, encontrar correspondência entre o que se ensina e o que se vive; sentir desafio e apoio no esforço de ir à escola, fazer os deveres de casa, realizar as pesquisas solicitadas; é querer ir um pouco além do mínimo pedido nas provas [...] (DIDONET, 2000, p. 28).

E é com base neste entendimento que analisamos a situação escolar dos sujeitos desta pesquisa e de seus pais; e ainda, quais são as suas perspectivas educacionais.

3.1.1 Grau de Escolaridade dos Pais

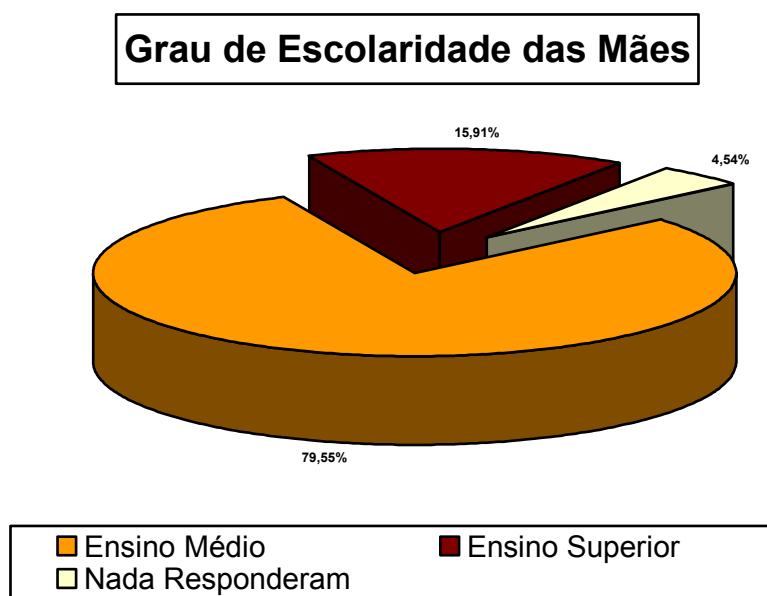
Figura 1



Fonte: Pesquisa do Autor.

3.1.2 Grau de escolaridade das mães

Figura 2



Fonte: Pesquisa do Autor.

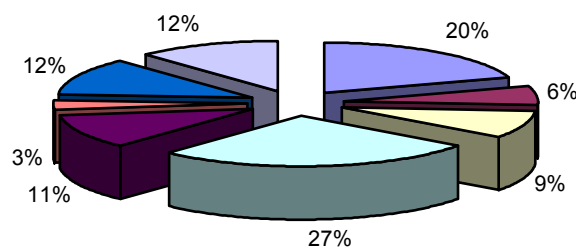
De acordo com a figura 1 referente à escolaridade dos pais dos sujeitos pesquisados predomina o ensino fundamental e médio; tendo as mães menor nível de escolarização. Este dado é explorado por muitos autores como Iolanda Oliveira, d'Adesky e Valente que analisam que o tempo de permanência dos negros na escola é menor que o dos brancos, sobretudo as mulheres:

As relações desiguais presentes na sociedade brasileira ocupam todos os espaços, mesmo o escolar. O preconceito e a discriminação raciais podem ser notados nas relações pessoais e até nos livros didáticos” (VALENTE, 1994, p. 51).

3.1.3 Profissão dos pais

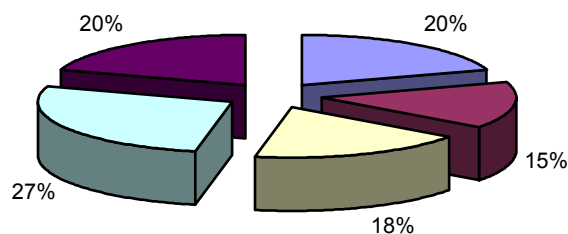
Figura 3

PROFISSÃO DOS PAIS



■ Pedreiro ■ Motorista ■ Mecânico ■ Polícia Militar ■ Eletricista ■ Açogueiro ■ Vendedor ■ Comerciante

PROFISSÃO DAS MÃES



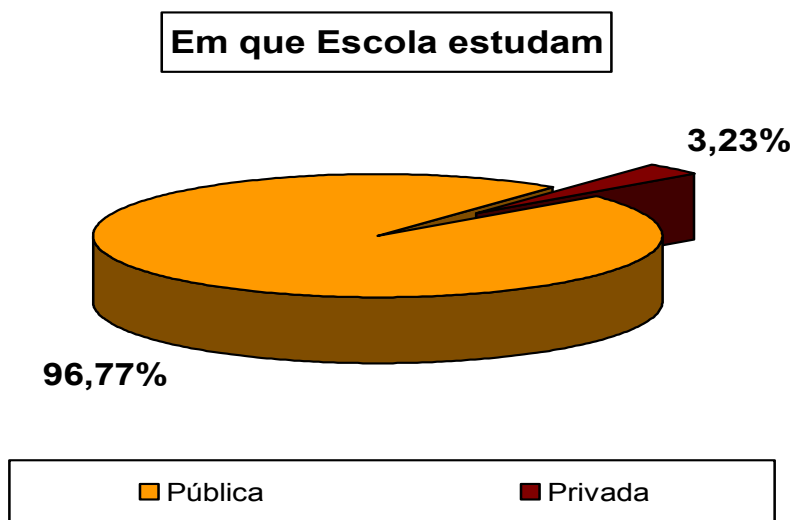
■ Do Lar ■ Doméstica ■ Professora ■ Autônoma ■ Não declarou

Fonte: Pesquisa do autor.

Os pais dos jovens negros pesquisados possuem ocupação profissional definida, havendo em geral, uma incidência para a carreira militar, autônomos, e profissionais de serviços básicos. Em geral, as mães dos jovens negros exercem a função do lar ou profissões relacionadas como empregadas domésticas 35%, autônomas 27%, professoras 18% e não declarou 20%. Ainda que significativamente menor, encontramos 13,11% de pais e 11% de mães com formação de nível universitário. Pelo menos nesse universo de jovens do Digoreste o indício é de que eles pertencem a famílias estruturadas, o que aponta para um questionamento do estereótipo de que as famílias negras são desestruturadas e não têm compromissos com a formação de seus filhos.

3.1.4 Escola em que estudam

Figura 4



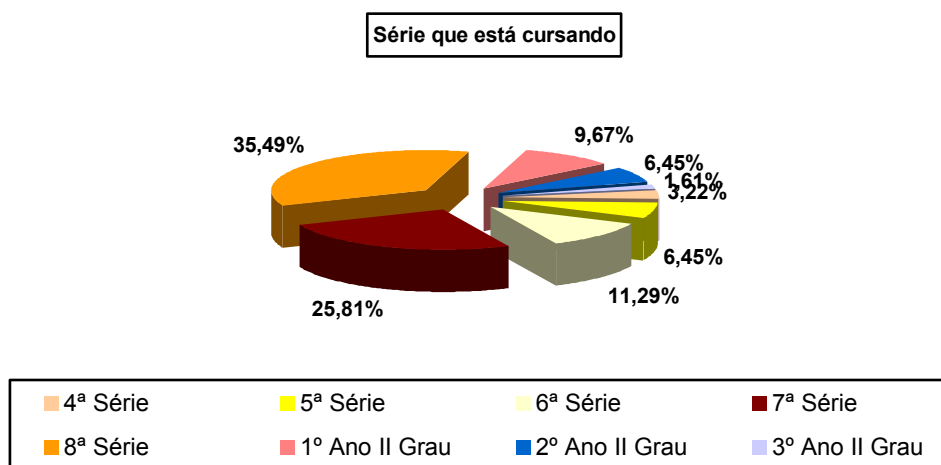
Fonte: Pesquisa do autor.

Os jovens são majoritariamente oriundos de escola pública. Levando-se em consideração que a educação brasileira, elitizada desde o princípio e com forte ampliação do setor privado é excludente por natureza, conclui-se que no tocante aos diferentes,

especialmente aos negros, os espaços a eles destinados não são os mesmos dos brancos. É o que afirma Valente (2002), ao discorrer sobre a presença de negros no espaço escolar quando considera que a escola não está preparada para lidar com essas diferenças. É o que faz com que as crianças negras, muitas vezes, fiquem isoladas numa sala de aula. Isto ocorre, segundo ela, pela interferência dos adultos que cultivam idéias negativas sobre os negros; e no espaço escolar este tipo de discriminação e preconceito se aprofunda, com a contribuição dos professores, que nada fazem para diminuir ou erradicar estas posturas.

3.1.5 Série que está cursando

Figura 5

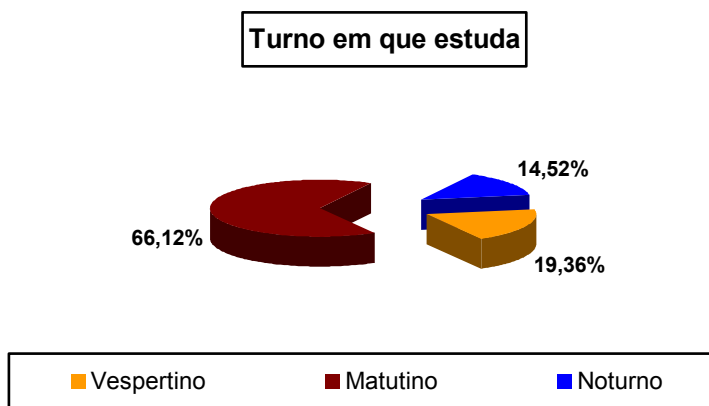


Fonte: Pesquisa do autor

Levando-se em consideração que, em média, um aluno na 7ª, 8ª séries tem entre 13 e 14 anos, e tendo sido estas séries as de maior predominância, entre os pesquisados, e este estudo versar sobre jovens negros na faixa etária entre 14 a 17 anos, constatamos que existe um número significativo, de acordo com a figura 05, de jovens matriculados em séries não condizentes com a sua faixa etária, como é o caso dos jovens que se encontram cursando a 4ª e 5ª e 6ª séries do ensino fundamental. Constatamos ainda, que é pequena a presença de jovens negros do ensino médio no Projeto Digoreste.

3.1.6 Turno de estudo

Figura 6



O maior percentual de alunos refere-se aos matriculados no turno vespertino, seguidos do turno matutino. Estes dados, segundo nossa análise, estão relacionados com a série e a faixa etária dos jovens pesquisados; o percentual de jovens matriculados no turno noturno são aqueles que, em geral, ou estão cursando o ensino médio, ou não se encontram compatíveis com a idade/série.

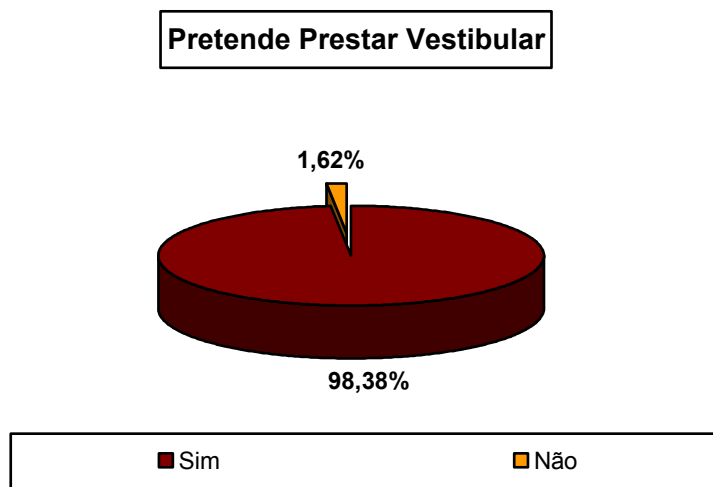
3.1.7 Continuidade dos estudos

Figura 7



3.1.8 Pretende prestar vestibular

Figura 8



Fonte: Pesquisa do autor.

Praticamente todos eles pretendem continuar os estudos, prestando vestibular e dando, assim, seguimento aos seus projetos de formação escolar. Muitos pesquisadores, dos quais podemos citar Moema de Poli - que desenvolve projetos em parceria com a UFMT - têm buscado estudar a trajetória de negros no ensino superior.

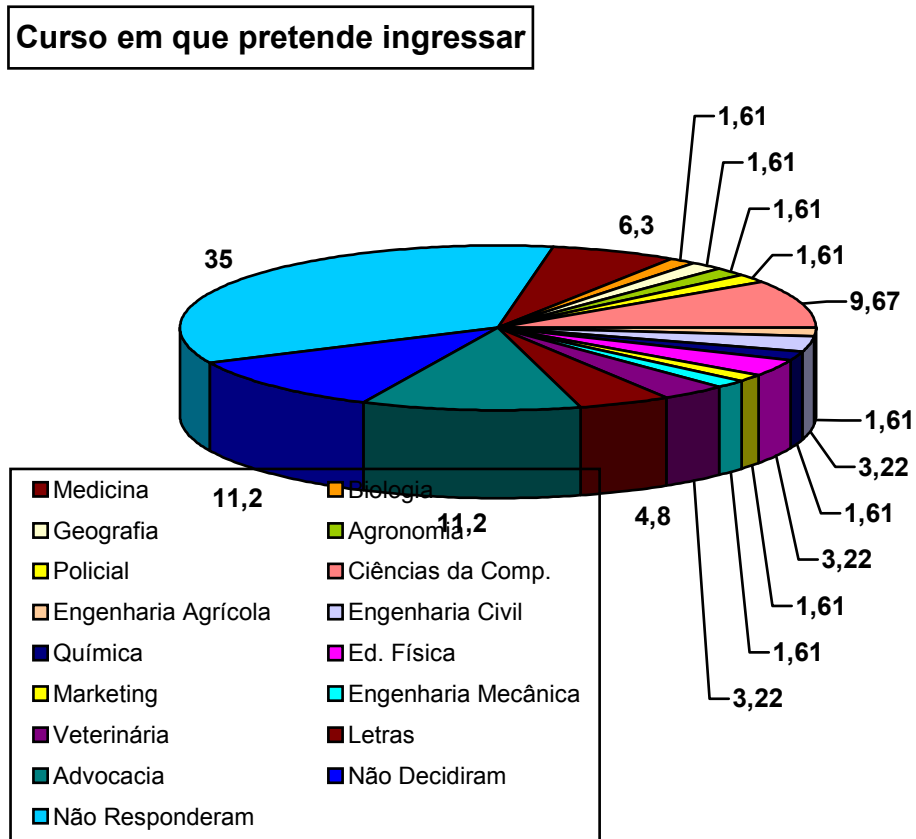
A busca por níveis mais elevados de educação formal também tem sido historicamente umas das lutas travadas pelo movimento negro no Brasil. Os estudos e pesquisas sobre a situação dos negros na sociedade brasileira têm revelado ser a educação tradicionalmente um dos principais instrumentos capazes de promover a ascensão social e econômica do negro na busca de uma maior igualdade com os brancos (MOEMA DE POLI, 2003, p. 23).

Brooke (2002, p. 153), discorrendo sobre as perspectivas de estudo para os negros enfatiza: “Enquanto isto, no Brasil, pelos dados do provão, somente 2.2% dos que cursam o ensino superior no Brasil são negros”.

Ainda distantes deste debate e sem ter conhecimento preciso sobre a polêmica em torno do ingresso de negros no ensino superior brasileiro, os jovens pesquisados seguem fazendo planos para ingressarem em cursos de graduação em universidade ou faculdades.

3.1.9 Curso superior em que pretende ingressar

Figura 9



Fonte: Pesquisa do autor.

Apesar de a maioria dos jovens pesquisados, ter respondido que pretende dar continuidade aos estudos e prestar vestibular, ingressando, assim, no ensino superior (ver figuras 07 e 08), 35% deles não responderam à questão sobre o curso em que pretendem ingressar e outros 11.2% disseram não ter se decidido ainda. Na verdade, analisamos o fato de os jovens não responderem à questão como um indicativo de indecisão, quanto ao curso a ser escolhido.

Os cursos que aparecem com maior percentual de escolhas são: direito, ciências da computação e medicina, respectivamente. Estes têm sido cursos de grande concorrência em todos os vestibulares realizados pelas universidades brasileiras; Mato Grosso não foge à regra.

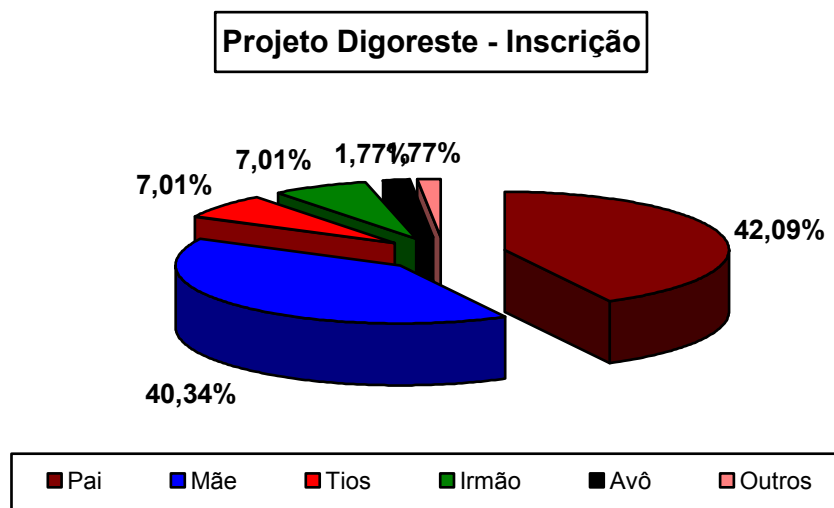
No campo das licenciaturas, letras é o curso de maior escolha. Estas aspirações educacionais não impedem, porém, que os jovens negros também tracem seus projetos em relação ao futebol, como veremos a seguir.

3.2 RELAÇÃO COM O FUTEBOL

Neste item, abordamos questões inerentes à prática do futebol pelos jovens negros pesquisados. Aqui eles respondem a questões sobre quem os inscreveu no Projeto, quando e onde começaram a jogar futebol, pretensões futuras e quem os influenciou na iniciação deste esporte.

3.2.1 Quem o inscreveu no Projeto Digoreste

Figura 10



Fonte: Pesquisa do autor.

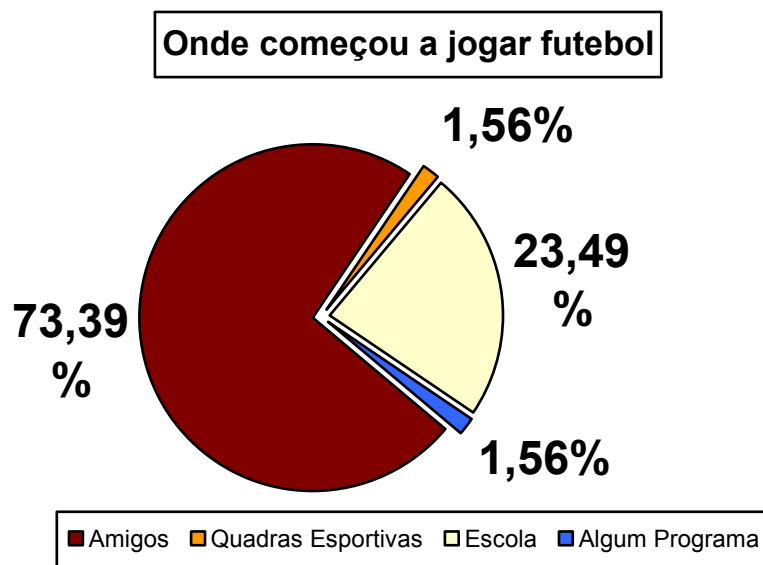
A família é a principal incentivadora da prática esportiva e a responsável pelo ingresso no Programa. A motivação da família e dos jovens atletas é impulsionada pela possibilidade de ascensão social através do futebol, talvez sendo esse o motivo pelo qual a maioria dos sujeitos pretende jogar profissionalmente, já que compreendem o futebol como

uma possibilidade real de ascenderem social e economicamente. Para Valente: “A ascensão social do negro devida ao destaque no esporte e na música é fato comum no Brasil”

Da mesma forma que a família é a principal responsável pela iniciação dos jovens no Projeto Digoreste, são os amigos os companheiros iniciais nesta trajetória de sonhos e esperanças. O que se justifica, uma vez que família e amigos são da mesma rede de relações sociais.

3.2.2 Como começou a jogar futebol

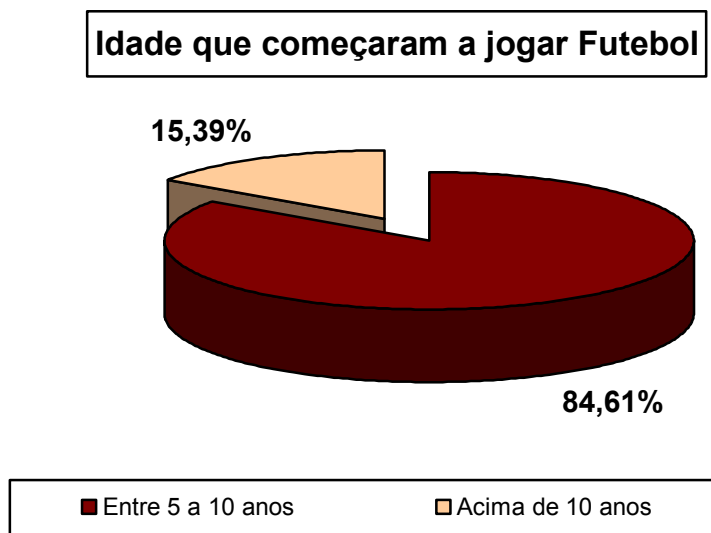
Figura 11



Fonte: Pesquisa do autor.

3.2.3 Idade que começou no futebol

Figura 12



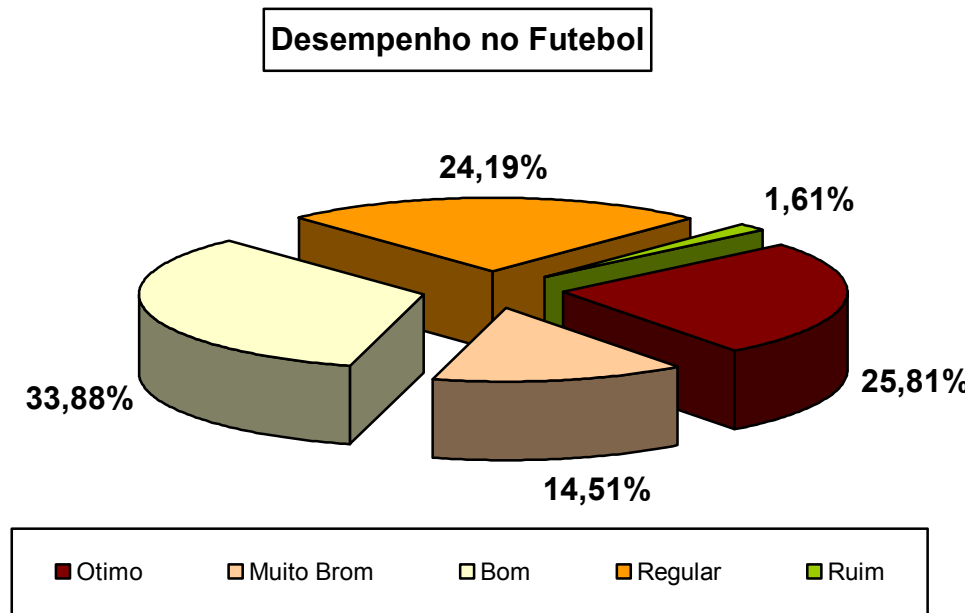
Fonte: Pesquisa do autor.

Começaram a jogar futebol influenciados pela família, conforme figura 10, entre 5 e 10 anos; com os amigos na rua e bairro onde moram. O segundo espaço mais representativo coube à escola, vindo posteriormente das quadras esportivas e por último os espaços oferecidos por programas institucionais. A presença da família, dos amigos e da comunidade onde vivem é muito forte, o que nos remete a indagações sobre a estrutura da família negra que, pelos dados obtidos demonstra forte presença na vida dos filhos.

Os resultados encontrados nesta pesquisa relativos à faixa etária em que os jovens negros começaram a jogar futebol, coincidem com os resultados da pesquisa de Vieira (2001), desenvolvida no Rio de Janeiro, que também constatou que seus sujeitos começaram a jogar futebol precocemente. Aos 18, 19 anos já iniciavam na carreira de jogadores profissionais. Segundo ele “De maneira já conhecida, os jogadores iniciam sua vida profissional em torno dos 18 ou 19 anos e encerram suas carreiras como desportistas ao atingirem a idade aproximada de 35 a 36 anos”.

3.2.4 DESEMPENHO NO FUTEBOL

Figura 13



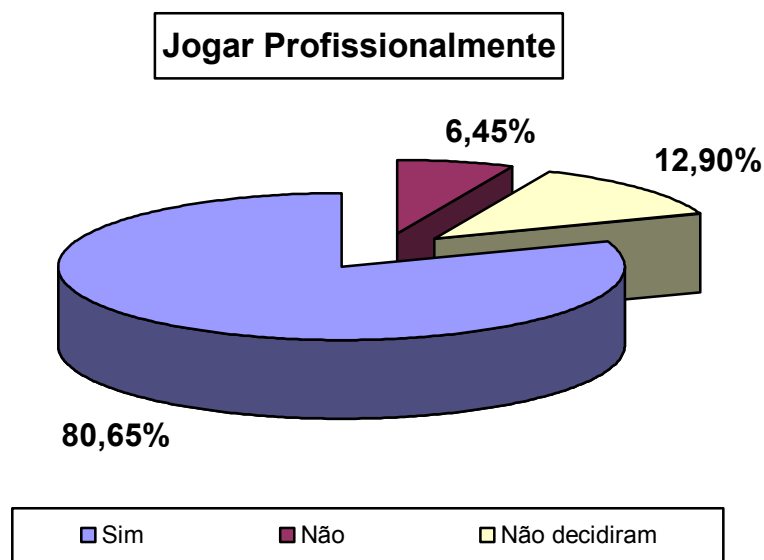
Fonte: Pesquisa do autor.

Os jovens negros pesquisados têm uma avaliação muito boa de seu desempenho no futebol. E segundo a observação realizada pelo pesquisador, eles de fato detêm rara habilidade no trato com os fundamentos do futebol, numa demonstração, em suas performances esportivas, de momentos de intensa alegria.

Estimulados por este espírito de felicidade e descobertas, não é à toa que os pesquisados demonstram vontade de dar continuidade a sua relação com o futebol, transformando a relação pedagógica em relação profissional.

3.2.5 Pretende jogar profissionalmente

Figura 14

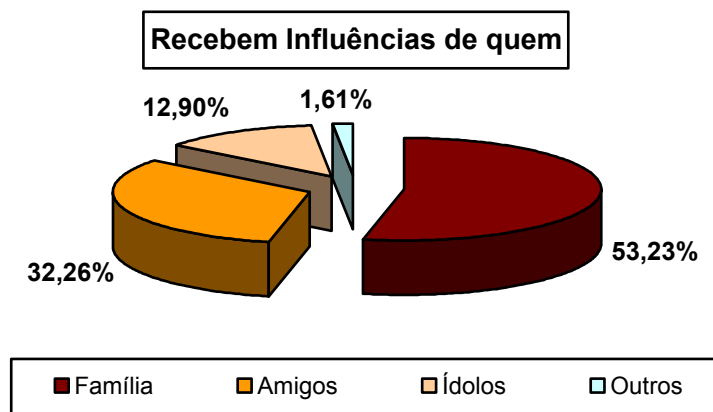


Fonte: Pesquisa do autor.

80.65% dos pesquisados pretendem jogar profissionalmente e 12.90% disseram ainda não ter se decidido. Como estes jovens têm uma avaliação positiva de seu desempenho, consideramos natural que os mesmos tenham feito a opção de darem prosseguimento a sua relação com o futebol, pelo menos, no momento, quando ainda estão sugestionados pela prática cotidiana do Projeto; influenciados e estimulados pela família, amigos, colegas e também pelos ídolos do futebol, que no Brasil, com uma seleção pentacampeã é detentora dos “*melhores jogadores do mundo*”.

3.2.6 Quem mais o influenciou para a prática do futebol

Figura 15

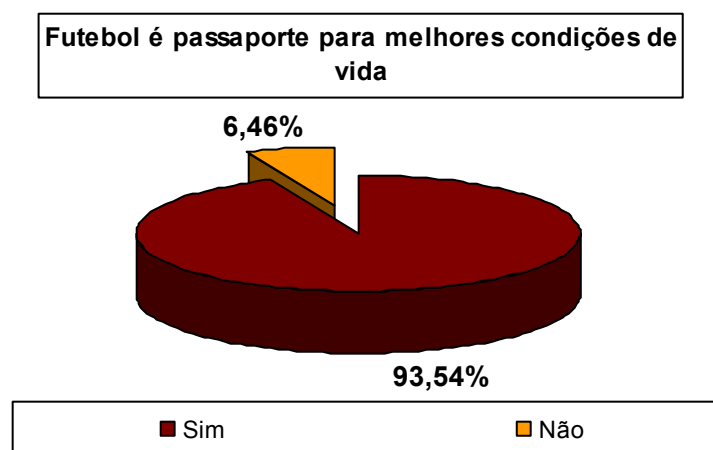


Fonte: Pesquisa do autor.

Novamente a família tem presença marcante na vida destes jovens (ver figura10), que declaram ter sido influenciados pela mesma, corroborando os comentários relativos aos locais onde começaram a jogar com predomínio de rua/bairro onde moram com seus familiares. Os ídolos têm uma influência bem menor na vida dos pesquisados, representando 12.90%.

3.2.7 Futebol: “passaporte” para melhorar de vida

Figura 16



Fonte: Pesquisa do autor.

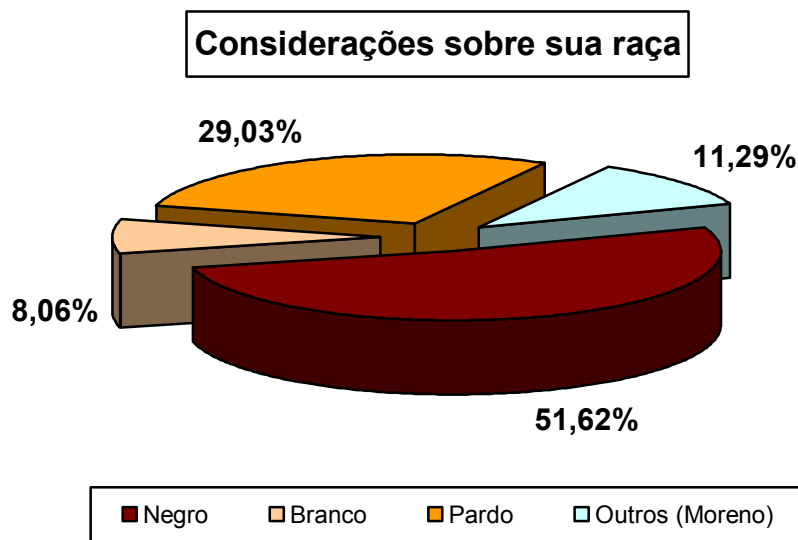
Sobre este aspecto, a grande maioria dos pesquisados respondeu acreditar que o futebol pode ser um passaporte para o sucesso. Este acontecimento, porém, só será possível se conseguirem ingressar em equipes profissionais de futebol de projeção estadual ou nacional.

Até que isto aconteça, há um longo caminho a ser trilhado e, neste ínterim, os jovens negros pesquisados ainda enfrentarão muitos revezes, responderão, ou não, a muitas questões que lhes serão apresentadas; entre elas está o debate sobre as relações raciais que lhes foi apresentado, em forma de questionário pelo pesquisador deste estudo, como se vê a seguir.

3.3 RELAÇÕES RACIAIS

3.3.1 Considerações sobre sua raça

Figura 17



Fonte: Pesquisa do autor.

A maioria dos sujeitos se autodenominou negro - 51.62%; pardo - 29.03%; branco - 8.06% e responderam “outros” - 11.29%. Consideramos importante a resposta dos que se identificaram espontaneamente como negros; isso demonstra que estes jovens se assumem

como tal. Quanto àqueles que se identificaram como pardos e “outros”, consideramos compreensível, principalmente se levarmos em conta que se trata de jovens ainda em formação e sem domínio dos debates sobre as relações raciais; daí a indefinição dos mesmos ao se autodenominarem.

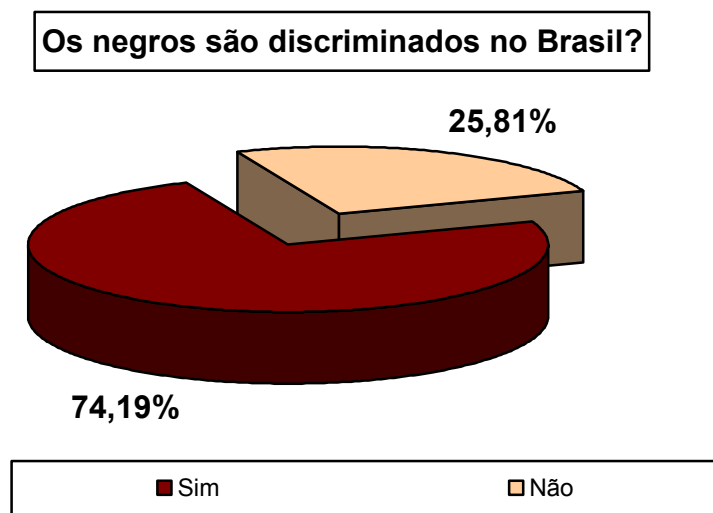
Esta incerteza de autodenominação presente não só entre os jovens pesquisados, mas, na população brasileira também atinge os pesquisadores do tema:

A multiplicidade de termos designativos da cor aparece, contemporaneamente, como reflexo do caráter primariamente subjetivo dessa identificação, evidenciando ao mesmo tempo, a defasagem entre o campo dos atores sociais e o campo dos estudiosos desta problemática” (PETRUCCELLI, 2000, p. 39).

Da mesma forma, entre os que se identificam como brancos, pudemos constatar que se trata de jovens com a cor de pele mais clara que a dos demais pesquisados; entretanto, segundo estudiosos do tema das relações raciais, presentes nesta dissertação, os mesmos estariam enquadrados entre os negros e ou afrodescendentes. Ao negarem sua verdadeira origem, na verdade, estes jovens estão negando todo o processo histórico de escravidão, preconceito e discriminação aos quais os negros estiveram submetidos, e mais, é uma tentativa de fugirem das condições sociais precárias que, em geral, é destinada a esta parcela da sociedade.

3.3.2 Discriminação Racial no Brasil

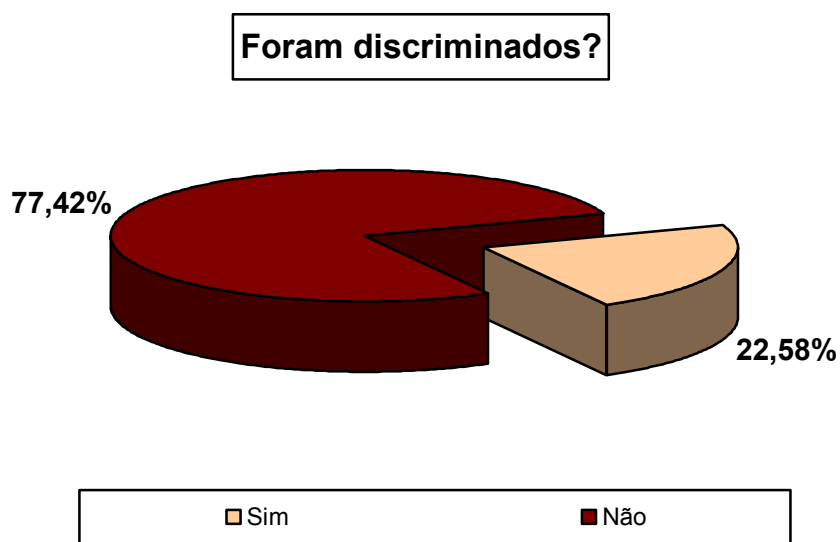
Figura 18



Fonte: Pesquisa do autor.

3.3.3 Já foi discriminado?

Figura 19



Fonte: Pesquisa do autor.

Afirmam não terem sido discriminados, apesar de concordarem que existe

discriminação racial no Brasil.

Essa dificuldade de se perceberem discriminados ou não, segundo nossa análise, está relacionada à pouca compreensão que os jovens negros têm dos mecanismos de discriminação e preconceito.

No caso dos negros, o preconceito e a discriminação tomam proporções maiores, na medida em que não há como eles escaparem da sua ação. Ou seja, não há como um negro ou descendente seu negar que é negro, que pertence ao grupo. Para isso, seria preciso o negro abrir mão do próprio combate a essas formas de preconceito e discriminação, como se tudo não passasse de simples brincadeira (VALENTE, 2002, p. 48).

Estas ações discriminatórias e preconceituosas encontram eco em diversos setores e espaços da sociedade. O preconceito e a discriminação acontecem nos locais de lazer, na escola e, também, no mercado de trabalho.

**APELIDOS ATRIBUÍDOS A ALGUNS JOVENS NEGROS
DO PROJETO DIGORESTE**

Loko, Cabeção, Feinho, Rincon, Zangão, Bocão, Keke, Barriga, Bode, Hulk, Cocão, Roliço, Brigadito, Abóbora, Bundinha, Coruja, Negão, Caninha, Skol, Fumacinha, Burro, Demônio.

Fonte: Pesquisa do autor.

Um exemplo de preconceito e discriminação muito comum sofrido por negros refere-se aos apelidos fortes, pejorativos que lhes são conferidos. Quando esses apelidos são atribuídos ainda na infância, é quase certo que esta carga emocional advinda com o apelido, irá perseguir o indivíduo por toda a sua existência.

O relato do médico Cléber Silva, registrado na dissertação de Marilane Alves Costa é um exemplo de como os apelidos são marcantes:

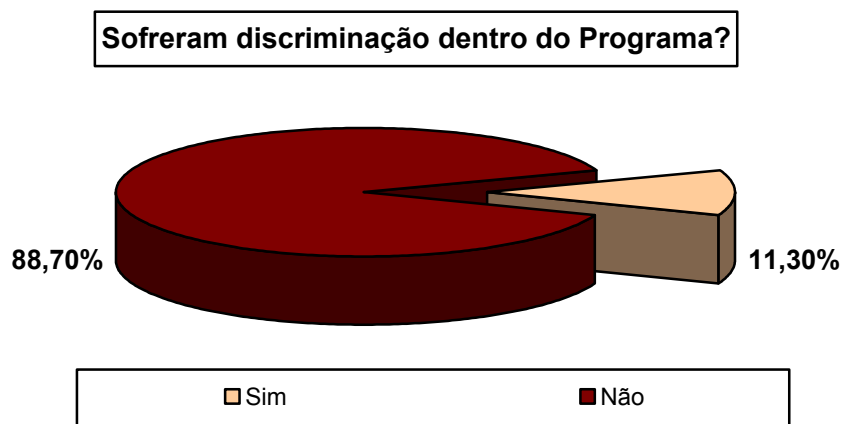
Apelidos? Já tive apelido né? Meu apelido de infância é Binho!(...) Outros apelidos geralmente são assim é... relacionados à cor mesmo né? Por exemplo Azeitona, Berinjela, Fumaça, Buraco Negro; “Oh Buraco... não sei o que e tal. Então não tem nada muito fixo. É uma coisa mais relacionada à cor (COSTA, 2004).

Entre os jovens negros pesquisados, como se pode observar no quadro acima, é comum o uso de apelidos. Alguns deles verdadeiramente relacionados à questão da cor: Demônio, Bocão, Negão, Fumacinha, entre outros.

Valente (2002) ressalta que os apelidos e frases depreciativas são maldosos e quase sempre ditos baixinho; ela atribui essa situação à influência escravocrata, que classificava os negros como uma raça “inferior” e “degenerada”.

3.3.4 Discriminação no Programa

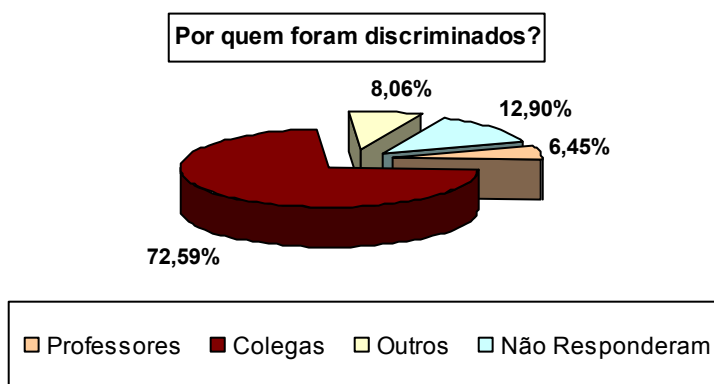
Figura 20



Fonte: Pesquisa do autor

3.3.5 Quem o discriminou?

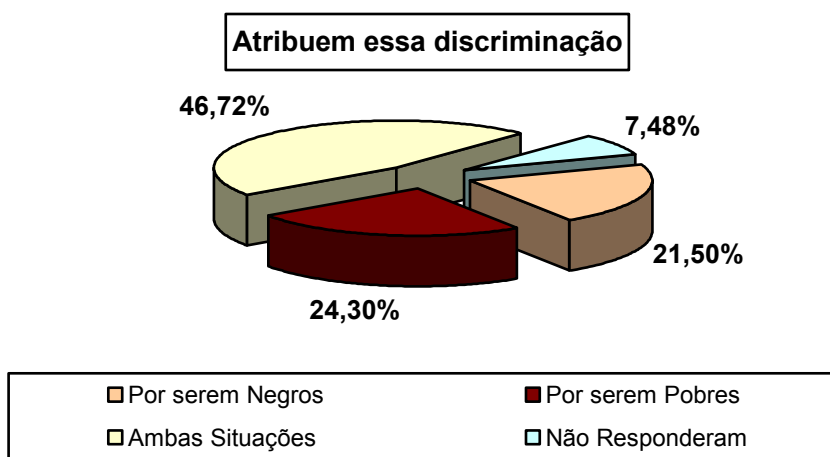
Figura 21



Fonte: Pesquisa do autor.

3.3.6 Por que foi discriminado?

Figura 22



Fonte: Pesquisa do autor.

Os jovens negros pesquisados, em sua grande maioria, disseram não ter sofrido nenhum tipo de discriminação dentro do Projeto. Dos que responderam sim, 11,30%, atribuíram a ação discriminatória a colegas, professores e outros, respectivamente.

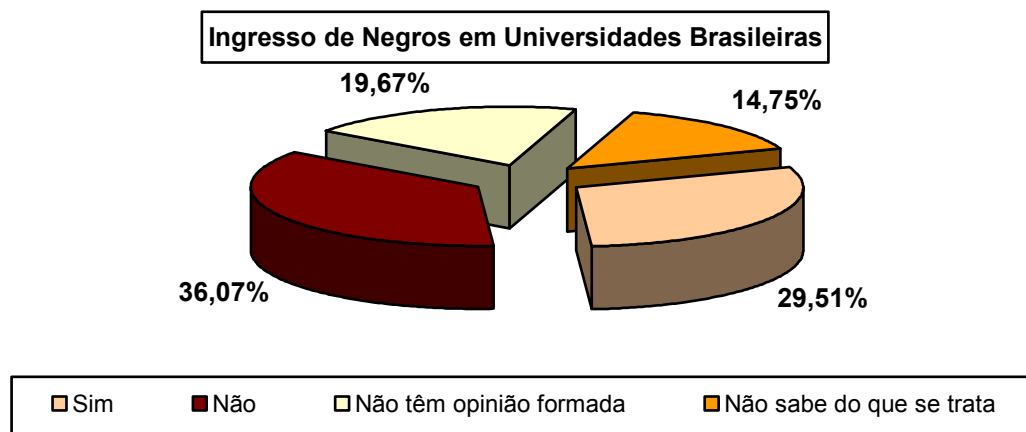
Para os jovens, estas ações estão relacionadas ao fato de serem pobres e negros. Esta associação entre classe e raça é um tema que tem rendido grandes e polêmicos debates, tanto no movimento negro como entre os estudiosos do tema, mas que aparece como uma

preocupação inconsciente dos pesquisados.

Como vai se delineando neste estudo, as informações que os pesquisados possuem sobre as relações raciais são muito mais intuitivas e emocionais do que propriamente por consciência de sua condição racial . E esta “noção” que possuem sobre o tema vai se repetir ao opinarem sobre a política de cotas para o ingresso de negros em universidades brasileiras.

3.3.7 Informação sobre política de cotas em Universidades brasileiras

Figura 23



Fonte: Pesquisa do autor.

Sobre a questão de cotas para ingresso nas universidades, os entrevistados se dividem quanto à informação sobre as cotas. Metade sabe da existência delas e a outra metade não sabe do que se trata, ainda que atualmente, as políticas afirmativas têm tido grande projeção nacional, sobretudo, após a criação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial - secretaria esta ligada diretamente à presidência da república - que vem contribuindo para a institucionalização do debate acerca do tema, mesmo ele não sendo recente.

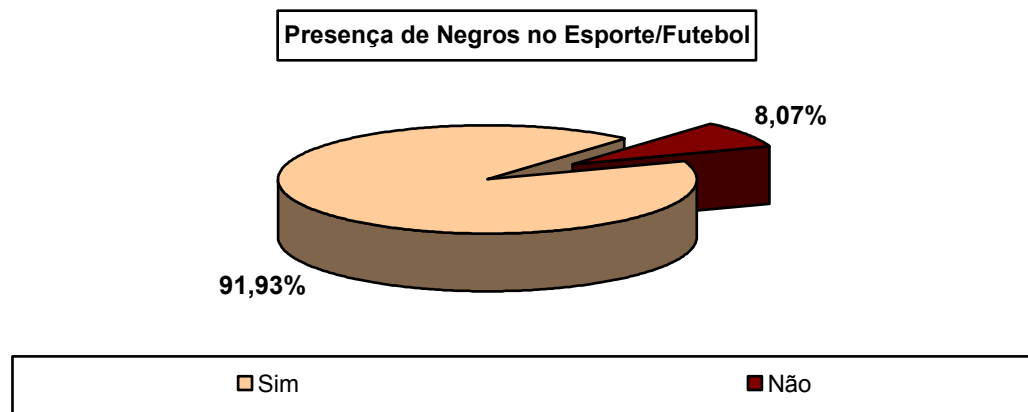
É certo, conforme afirma Brooke (2002), que sem as políticas afirmativas as mudanças nas relações raciais serão muito mais lentas. Ao discorrer sobre as perspectivas de estudo de negros, ele defende uma intervenção mais efetiva, de forma a aumentar o acesso e a

permanência do negro no sistema educacional.

Tal defesa é procedente, uma vez que para a superação das desigualdades educacionais, é preciso que haja uma intervenção, através de políticas públicas, que garantam objetivamente a igualdade de direitos entre os diferentes, da educação infantil até o ensino superior.

3.3.8 Presença de negros no futebol

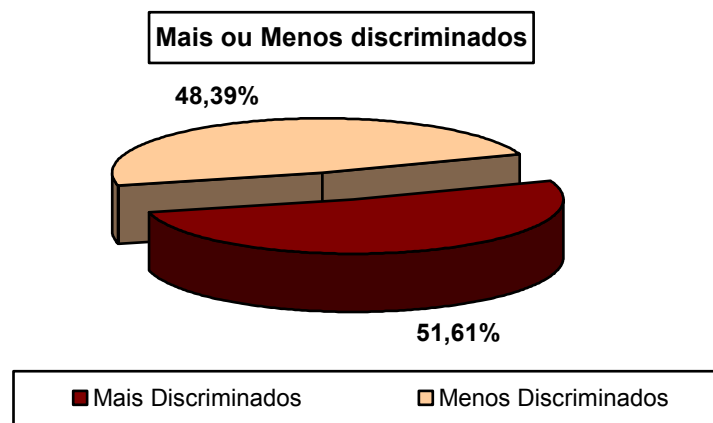
Figura 24



Fonte: Pesquisa do autor.

3.3.9 Sucesso e discriminação

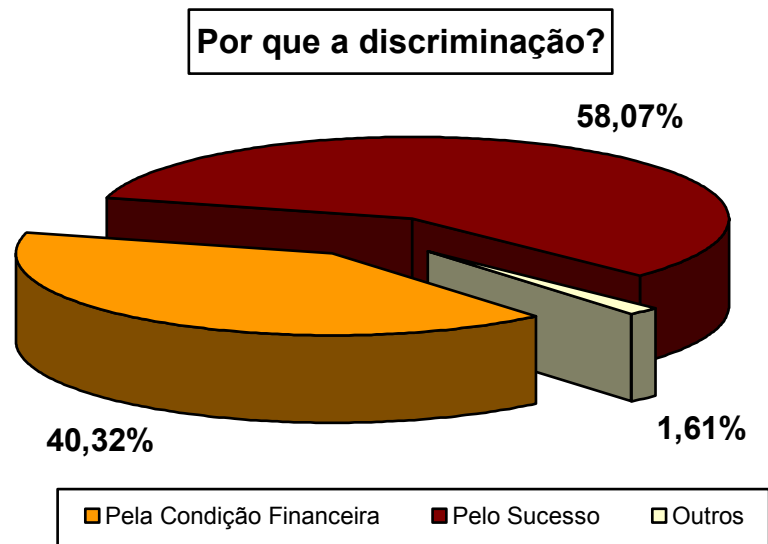
Figura 25



Fonte: Pesquisa do Autor.

3.3.10. Causas da discriminação

Figura 26



Fonte: Pesquisa do autor.

Os pesquisados conseguem perceber significativa presença de negros no esporte brasileiro, sobretudo no futebol. Entendem que os jogadores negros de futebol, quando ascendem, tanto podem ser mais ou menos discriminados e atribuem este fato ao sucesso alcançado pelos mesmos e à condição financeira privilegiada que conquistaram.

O que estes jovens perceberam é que poder, dinheiro e sucesso possibilitam aos jogadores de futebol ascendidos, transitarem e conviverem em espaços, antes, só permitido aos brancos. De melhores condições e qualidade de vida para si e para os seus familiares. Ao mesmo tempo, percebem também, que os mesmos enfrentam situações de preconceito e discriminação nos espaços que passam a ocupar, uma vez que nestes espaços, os jogadores de futebol negros são uma exceção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de haver no Projeto Digoreste toda uma fundamentação pedagógica de caráter filosófico em torno do desenvolvimento da criança e do jovem com a prática esportiva, constatamos que o mesmo não ocorre no que diz respeito às relações raciais. Não há qualquer menção a este tema na proposta do Projeto. Os seus professores não trabalham com a perspectiva da eliminação de preconceitos e de discriminações raciais, ainda que receba em suas fileiras um número significativo de jovens negros.

Mas esta não é uma imperfeição específica desse Projeto que envolve esporte e educação:

O Brasil, apesar de possuir no histórico alguns programas governamentais, como o “Esporte para Todos” que concatenava esporte e educação, e por parte do Governo Federal e da maioria das federações esportivas nacionais, entre elas destaca-se a de futebol e vôlei, estarem afirmando a importância da escola e da educação para o próprio desenvolvimento do esporte e do jogador, não se nota uma política e uma atitude mais consistente no sentido de aliar estes dois importantes momentos na vida de qualquer indivíduo (VIEIRA, 2001, p. 239).

Digoreste nos Esportes, apesar de contribuir com a auto-estima dos jovens negros matriculados - acenando-lhes com a perspectiva de projetarem um futuro de ascensão através do futebol e procurando incutir-lhes interesse pela continuidade nos estudos - não é possível perceber uma contribuição do Projeto para o avanço da conscientização destes jovens sobre a sua negritude.

Sá Gonçalves (2005), baseando-se no censo do IBGE de 2000, atesta que Mato Grosso tem presença negra de 62% da população do Estado, uma presença significativa e que já foi ressaltada em outros estudos, como o de Costa (2004). Entretanto, essa presença marcante de negros em Mato Grosso não diminui a desigualdade a qual estão submetidos no âmbito da escola, que segundo a pesquisadora, continuam tendo menos acesso à educação que os brancos. Prejudicados no seu processo de escolarização através do material didático, no currículo e nas práticas pedagógicas, os negros somam os maiores índices de evasão escolar.

No mercado de trabalho as dificuldades também são inúmeras: empregadores racistas rejeitam, às vezes, bons currículos em detrimento da chamada “*boa aparência*”, quase sempre avaliadas através de fotografias anexadas nos currículos. As justificativas para a rejeição de negros para determinados postos de trabalho tem sido a alegação de que estes não teriam aptidão para o cargo, não teriam conhecimento técnico ou específico ou mesmo um currículo a contento. O resultado disso seria: “a grande parte dos negros no país está desempregada ou subempregada. São os pequenos bicos que permitem a sobrevivência de muitas famílias de negros” (VALENTE, 1994, p. 50).

Vieira (2004, p. 316-317) afirma que apesar de todos os estereótipos vigentes no Brasil, os negros ainda são minorias no futebol brasileiro; a média de idade dos jogadores é de 24.1 anos, portanto, jovens. A maioria recebe até um salário mínimo. Uma grande parcela já concluiu o ensino fundamental.

Outro dado importante é que quando os atletas chegam a um clube para competir eles já sabem jogar, tendo aprendido nas ruas, campos de pelada, em escolas comunitárias ou em Projetos como o Digoreste. Hoje todos os que lidam com a formação de atletas sabem que as escolas de futebol são importante etapa para a preparação de futuros jogadores no Brasil:

a partir desta aprendizagem nos campinhos, muitos jogadores submetem-se aos famosos testes para ingressar num clube, numa tentativa de entrar tanto nas categorias de base, como para fazer parte da escolinha daquele clube.

Neste último caso, esta escolinha aparece como uma forma comum e necessária para que um pretendente a jogador ingresse no clube (VIEIRA, 2004, p. 231).

Vieira chama a atenção para o fato de que apesar da família cumprir importante papel na vida dos jovens iniciantes e ser a principal incentivadora, são mínimos os casos em que ela atua no tráfico de influência - o que vai prevalecer no caso é se o jovem joga bem ou não. E há uma justificativa para o empenho da família: ela acredita na ascensão através do futebol. Vai constatar também, que os jogadores negros e pardos vêem como fator positivo o fato de não precisarem lidar com a exigência de “qualificações pessoais, tais como formação educacional ou recursos econômicos, para o ingresso nesta atividade”.

As crianças iniciam cada vez mais cedo no futebol para que elas dêem seqüência na tentativa de jogarem profissionalmente é preciso que recebam além de suporte financeiro maior orientação que garanta o seu desenvolvimento físico e emocional. Caso contrário, a sua permanência no futebol torna-se inviável ou em muito dificultada. Nesse sentido, além da formação específica para a prática do futebol deveria haver condições que garantissem sua permanência na escola.

A questão salarial é outro problema que se apresenta. O fato de haver renovação constante de jogadores no futebol, faz com que, em média, aos 24 anos, muitos - já experientes - estejam desempregados. A grande massa de jogadores recebe pequenos salários. Note-se, por exemplo, pelo desempenho da Região Centro-Oeste do Brasil, que apresenta um dos menores salários e o menor número de jogadores profissionais:

Da mesma forma, na região Centro-Oeste, o futebol também não se mostra muito desenvolvido, no que se refere a esta atividade esportiva, tendo sido inscritos 624 jogadores profissionais. Contudo, sua realidade é um pouco melhor, quando comparada à da região Norte, já que ao menos o número de jogadores que recebem acima de dez salários mínimos é superior, são 31 jogadores (VIEIRA, 2001, p. 253).

A educação não atinge a todos, sobretudo os negros, Brooke (2002, p. 153)

constata o que é lugar comum na vivência de muitos negros deste país: “não há dúvidas a respeito da desvantagem educacional do negro no Brasil. Dados recentes do IPEA confirmam o que já se sabia”.

O que é bom para o jovem negro, não é muito diferente do que é bom para o jovem branco, portanto, os negros têm preocupação de estudar, ampliar seus conhecimentos e ascenderem de vida. E o futebol é uma das alternativas buscadas por estes jovens.

Não é diferente quando se fala da juventude negra, imediatamente percebe-se que “ser jovem negro” não é o mesmo que “ser jovem branco” no Brasil. Além dos aspectos socioeconômicos faz-se necessária uma abordagem que reconheça as diferenças em alguns aspectos, como autopercepção da identidade, do que é ser brasileiro, da discriminação cotidiana, das atividades de lazer, do racismo, da violência e da importância de alguns valores para a construção de uma sociedade ideal (SANTOS; SANTOS; BORGES, 2005, p. 292).

Acreditamos que muitas das dificuldades encontradas pela juventude negra no futebol, têm origem nas práticas discriminatórias existentes no Brasil.

Os dados evidenciam que também os jovens negros são suscetíveis à idealização do imaginário da cordialidade e da visão paradisíaca do Brasil. O que explica que eles, os jovens negros, são o alvo do mito da democracia racial brasileira, que distorce a visão sobre condições concretas dos aspectos socioeconômicos e das práticas discriminatórias, muito peculiares ao racismo brasileiro (SANTOS; SANTOS; BORGES, 2005, p. 295).

Talvez seja este o cerne da questão: a compreensão de que o Brasil precisa de políticas públicas que não só elevem o nível de consciência de sua população, mas que crie, de fato, alternativas que modifiquem sua condição material. Enquanto isso se convive com a marca da exclusão social e da discriminação racial. E são os jovens negros historicamente, um dos grupos que mais sofrem com a discriminação e o preconceito.

(...) E é a juventude (semi-instruída, desempregada ou subempregada) dos centros urbanos dos países ricos e pobres que está, com mais frequência, envolvida nos conflitos étnicos, nacionais, raciais, culturais, lingüísticos e separatistas contemporâneos (BORGES, 2002, p. 39).

Neste sentido, mais uma vez reafirmamos a importância de discutirmos a participação dos jovens negros no mundo dos esportes e de que forma a questão racial se manifesta neste ambiente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: n. 5/6, 1997.

BOLTANSKJ, L. **As classes sociais e o corpo**. Rio de Janeiro: Graal, 1974.

BORGES, Edson. **Racismo Preconceito e Intolerância**. São Paulo: Atual, 2002.

BROOKE, Nigel. Perspectivas dos Estudos Negro e Educação. In: **Cadernos PENESB**, n. 4. Niterói: EdUFF, 2002.

CARMO, A. A. **Educação Física: competência técnica e consciência política em busca de um movimento simétrico**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1985.

CARMO, P. C. **Culturas da Rebeldia: a juventude em questão**. São Paulo: Editora Senac, 2001.

CARRANO, P. C. R. Juventude: as identidades são múltiplas. **Movimento: Revista da Faculdade de Educação da UFF** (Juventude, Educação e Sociedade). Rio de Janeiro: n. 01, 2000.

_____. **Jovens na cidade**. Rio de Janeiro: Trabalho e Sociedade, Ano 1, n. 1, 2001. Disponível em <http://www.uff.br/obsjovem>. Acesso em 15 junho de 2003.

COSTA, Marilane Alves. **A Pequena burguesia negra cuiabana – Um estudo sobre a formação de sua consciência política**. 2004, Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Cuiabá, 2004.

CUNHA JR. Henrique. **Textos para o movimento Negro**. São Paulo: Edicon, 1992.

CUSTÓDIO, Adolfo Martins. **O futebol brasileiro como instrumento para inclusão social do negro**. Editora UCG, 2004.

D'ADESKY Jacques. **Pluralismo Étnico e Multiculturalismo - Racismo e Anti-Racismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2001.

DAOLIO, J. **Cultura: educação física e futebol**. Campinas: Editora UNICAMP, 2. ed., 2003.

DE PAULA, Adilton. **Racismo no Brasil: Percepções da Discriminação e do Preconceito Racial do Século XXI**. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.

DIDONET, Vital. **Plano nacional de educação (PNE)**. Brasília: Editora Plano, 2000.

FERRAZ, Osvaldo Luiz. **O esporte, a criança e o adolescente: consensos e divergências**. In **Esporte e Atividade física na infância e adolescência: Uma abordagem multidisciplinar**. Dante de Rose Júnior e colaboradores. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

FILHO, Mário. **O negro no Futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2. ed., 1964.

FREIRE, Paulo. **Educação permanente e as cidades educativas. Política e Educação: ensaios**. Coleção questões de nossa época; v. 23. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUIMARÃES, A. S. A. **Classe, raça e democracia**. 34. ed. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2002.

IANNI, OTAVIO. **Raças e Povos**. In: **A Era do Globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

KORSAKAS, Paula. **O esporte infantil: as possibilidades de uma prática educativa** In: **Esporte e Atividade física na infância e adolescência: Uma abordagem multidisciplinar**. Dante de Rose Júnior e colaboradores. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

LEVER, Janet. **A Loucura do Futebol**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

MARX, Karl. **Ideologia Alemã**. 8. ed. São Paulo: Editora Aucitec, 1991.

MORGADO, Maria A.; MOTTA, Manoel F. V. **Educação da juventude em Mato Grosso: impasses e perspectivas político-pedagógicas**. Cuiabá, PPGE/IE/UFMT, 2003 (mimeo).

MOTTA, Manoel Francisco de V. **Estudos e Pesquisas Sobre Relações Raciais e Educação no**

Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. In: **Cadernos PENESB**, N .4 . Niterói: EdUFF, 2002.

MOURA, C. Dialética Radical do Negro no Brasil. **São Paulo: Ed. Anita Ltda, 1994.**

OLIVEIRA, Iolanda (org). **Relações Raciais e Educação: Temas Contemporâneos.** Niterói: Ed. EdUFF, 2002.

PAES, Roberto Rodrigues. **A pedagogia do esporte e os jogos coletivos.** In: Esporte e Atividade física na infância e adolescência: Uma abordagem multidisciplinar. Dante de Rose Júnior e colaboradores. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

PETRUCCELLI, José Luis. **A Cor Denominada: um estudo do suplemento da Pesquisa Mensal de emprego de julho de 1998.** Textos Para Discussão. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

PRISZKULNIK, Léia. **A criança que a psicanálise descortina: algumas considerações.** In: Esporte e Atividade física na infância e adolescência: Uma abordagem multidisciplinar. In Dante de Rose Júnior e colaboradores. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

ROSE JR. Dante. **A criança, o jovem e a competição esportiva: considerações gerais.** In: Esporte e Atividade física na infância e adolescência: Uma abordagem multidisciplinar. Dante de Rose Júnior e colaboradores. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

SÀ GONÇALVES, Vanda Lúcia. **Tia Qual é meu desempenho?** Dissertação (Mestrado em Educação) – UFMT, PPGE, Cuiabá, 2006, (mimeo.).

SANTOS, Andrea. **Trajetória de volta à escola de jovens negros e jovens negras na educação de jovens e adultos em Cuiabá – MT: manifestações de consciência política e étnica.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação. PPGE, Cuiabá, 2005.

SANTOS, SANTOS; BORGES, **A Juventude Negra.** In: Retratos da juventude brasileira – Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania e Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

TEIXEIRA, Moema De Poli. **Negros na Universidade.** Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

TUBINO, Manoel José Gomes. **História da Educação Física.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

VALENTE, Ana Lúcia. **Ser Negro no Brasil Hoje.** São Paulo: Moderna, 1994.

VIEIRA, José Jairo. **Paixão Nacional e Mito Social: A Participação do Negro no Futebol. Profissionalização e Ascensão Social.** Tese em Ciências Humanas: Sociologia, 2001, (Instituto Universitário e Pesquisa do Rio de Janeiro).

WINTERSTEIN, Pedro. **A motivação para a atividade física e para o esporte In:** Esporte e Atividade física na infância e adolescência: Uma abordagem multidisciplinar. Dante de Rose Júnior e colaboradores. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO

Nome: _____

Apelido: _____

Idade: _____

Data e local de nascimento: _____

Nome dos pais: _____

Profissão dos pais: _____

Onde mora: _____

Escolaridade do pai:

Ensino Fundamental

Ensino Médio

Ensino Superior

Escolaridade da mãe:

Ensino Fundamental

Ensino Médio

Ensino Superior

ESCOLARIZAÇÃO

Tipo de escola:

Pública

Privada

Série que está cursando atualmente? _____ Turno:

Matutino

Vespertino

Noturno

Qual o nome de sua escola? _____

Em qual (ais) disciplina (s) tem mais dificuldade?

Português

Matemática

História

Geografia

Inglês

Biologia

Química

Física

Outras quais? _____

Quais as disciplinas que mais domina?

Português

Matemática

História

Geografia

Inglês

Biologia

Química

Física

Outras quais? _____

Pretende prestar vestibular?

Sim

Não

Pretende continuar estudando?

Sim

Não

Em que curso superior pretende ingressar? _____

RELAÇÃO COM O FUTEBOL

Quem o inscreveu no Projeto Digoreste?

- Pai
- Mãe
- Irmão
- Tios
- Outros quem? _____

Como começou a jogar futebol?

- Com os amigos na rua
- Na escola
- Em quadras esportivas com algum familiar
- Em algum projeto () Outros _____

Que idade tinha aproximadamente:

- Entre 5 e 10 anos
- Entre 10 e 15 anos

Acredita que o seu desempenho no futebol é:

- Ótimo
- Muito bom
- Bom
- Regular
- Ruim
- Péssimo

Pretende jogar profissionalmente?

- Sim
- Não
- Ainda não decidiu

Você acredita que a sua decisão em relação ao futebol recebe ou recebeu influência de quem:

- Família
- Amigos

Ídolos

Outros _____

Acredita que o futebol pode ser um “passaporte” para lhe garantir melhores condições de vida:

Sim

Não

RELAÇÃO RACIAL

Você se considera:

Negro

Branco

Pardo

Outros _____

Você acredita que os negros são discriminados no Brasil?

Sim

Não

Você já foi discriminado?

Sim

Não

Já se sentiu discriminado dentro do Projeto?

Sim

Não

Por quem?

Professores

Colegas

Outros

Se a resposta for sim, a que você atribui esta discriminação:

Por ser negro

- Por ser pobre
- Por ambas situações
- Outros motivos _____

Você já ouviu falar em quotas para ingresso de negros em universidades brasileiras:

- Sim
- Não
- Não tem opinião formada
- Não sabe do que se trata

Considera que no Brasil é significativa a presença de negros no esporte, principalmente, no futebol:

- Sim
- Não

Você considera que um jogador de futebol negro, ao fazer sucesso, é muito () ou pouco () discriminado.

Por quê?

- Pela condição financeira
- Pelo sucesso
- Outros _____